

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

CLARA MEIRA ROCHA VIEIRA DE FREITAS

GÊNERO, SEXUALIDADE E EXPERIÊNCIAS: um estudo fenomenológico-  
hermenêutico

SÃO PAULO

2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

CLARA MEIRA ROCHA VIEIRA DE FREITAS

GÊNERO, SEXUALIDADE E EXPERIÊNCIAS: um estudo fenomenológico-  
hermenêutico

*Trabalho de conclusão de curso como  
exigência parcial para graduação no  
curso de Psicologia, sob orientação da  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabíola Freire Saraiva de  
Melo*

SÃO PAULO

2019

## *Agradecimentos*

Tenho muitos a quem agradecer pela importante participação que tiveram na elaboração do meu trabalho e no desenvolvimento da minha formação enquanto psicóloga. Primeiramente, a todos os professores da PUC-SP que tanto contribuíram para a minha formação; em especial, para a professora Fabíola Freire, que acreditou na potência do meu trabalho e sem a qual a realização dele como tal teria sido impossível, e ao professor Marcelo Sodelli, que através de diversas contribuições possibilitou muito aprendizado em relação a psicologia fenomenológico-hermenêutica. Agradeço aos entrevistados desta pesquisa, que se disponibilizaram a compartilhar suas experiências. Agradeço, por fim, a família e amigos que estiveram juntos a mim durante a produção desta pesquisa, fornecendo escuta e acolhimento: quem sou em muito se deve a vocês.

## RESUMO

Ao longo da história existiram diversas formas de expressão de gênero e sexualidade, gerando múltiplas compreensões acerca deste fenômeno. Nesta pesquisa, a partir de uma breve revisão histórica de algumas das compreensões presentes na sociedade ocidental, foi possível perceber a predominância de uma destas, a baseada no controle, que acabou por estabelecer normas e excluir aqueles que não correspondessem à elas. A partir desta compreensão de que a forma de se entender gênero e sexualidade na cotidianidade é pautada por normatividade e exclusão, foram feitas entrevistas com pessoas que experienciam seu gênero ou sexualidade de maneira não normativa, com o intuito de desvelar e dar caráter de realidade a essas experiências. Assim, esta pesquisa visou desvelar sentidos existentes em experiências não normativas relacionadas a gênero e sexualidade. As entrevistas foram abertas, pautadas apenas pela pergunta: “Como você compreende gênero e sexualidade na sua vida?”. Os relatos foram posteriormente gravados e transcritos e, a partir deles, foi feita uma hermenêutica dos sentidos presentes nas narrativas, compreendendo-as a partir da ontologia fundamental heideggeriana e dos sentidos históricos presentes. A pesquisa permitiu encontrar os seguintes núcleos de sentido: “Saber os termos mudou muito minha vida”; “Não é uma questão de escolha”, “Associação de identidade de gênero e orientação sexual à características biológicas; “Todo dia eu preciso provar pra alguém que eu sou igual a ele”, “Foi na terapia que eu comecei a me entender melhor” e “Machismo e patriarcado”. A partir de uma compreensão desses núcleos de sentido foi possível discutir algumas temáticas importantes, como identidade, escolha, normatização, exclusão, sofrimento, dentre outras . A partir da análise desses núcleos, podemos finalizar esta pesquisa trazendo a importância de uma escuta psicológica sem julgamentos e baseada no testemunho das experiências dos pacientes e ampliando as discussões acerca da temática de forma a enfrentar de preconceitos relacionados ao fenômeno de gênero e sexualidade.

**Palavras-chave:** gênero, sexualidade, experiência, psicologia fenomenológico-hermenêutica.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO: APRESENTAÇÃO DO TEMA E PROBLEMA DA PESQUISA.....</b>	<b>5</b>
<b>2 UM PRIMEIRO OLHAR PARA A TEMÁTICA: A QUESTÃO DO SER E UMA FORMA DE COMPREENDER GÊNERO E SEXUALIDADE .....</b>	<b>7</b>
<b>3 COMO A COMPREENSÃO SOBRE SEXO SE ALTEROU AO LONGO DA HISTÓRIA .....</b>	<b>11</b>
<b>4 CONTROLE DO GÊNERO E DA SEXUALIDADE A PARTIR DA METAFÍSICA.....</b>	<b>14</b>
<b>5 GÊNERO E SEXUALIDADE AO LONGO DA HISTÓRIA .....</b>	<b>17</b>
5.1 <b>Sobre o gênero feminino.....</b>	<b>17</b>
5.2 <b>O movimento LGBT .....</b>	<b>21</b>
<b>6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA .....</b>	<b>25</b>
6.1 <b>A pesquisa fenomenológica .....</b>	<b>25</b>
6.2 <b>Recursos instrumentais .....</b>	<b>27</b>
6.3 <b>Procedimentos utilizados.....</b>	<b>29</b>
<b>7 ENTREVISTAS.....</b>	<b>32</b>
7.1 <b>Daniel .....</b>	<b>32</b>
7.2 <b>Fernando.....</b>	<b>34</b>
7.3 <b>Núcleos de sentido.....</b>	<b>36</b>
7.3.1 <i>“Saber os termos mudou muito minha vida” .....</i>	<i>37</i>
7.3.2 <i>“Não é uma questão de escolha.” .....</i>	<i>40</i>
7.3.3 <i>Associação de identidade de gênero e orientação sexual à características biológicas .....</i>	<i>44</i>
7.3.4 <i>“Todo dia eu preciso provar pra alguém que eu sou igual a ele.” .....</i>	<i>48</i>
7.3.5 <i>“Foi na terapia que eu comecei a me entender melhor” .....</i>	<i>51</i>
7.3.6 <i>Machismo e patriarcado.....</i>	<i>53</i>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>58</b>

9	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	60
10	<b>ANEXO: PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PSICOLOGIA</b> .....	63

## **1 INTRODUÇÃO: APRESENTAÇÃO DO TEMA E PROBLEMA DA PESQUISA**

Pensar em um estudo fenomenológico tem como parte importante compreender que a relação entre pesquisador e temática pesquisada não se dá a partir de um modelo sujeito-objeto imparcial, como a ciência contemporânea propõe, e sim de uma pessoa implicada direta e vivencialmente com seu tema de pesquisa. Em meu caso, meu interesse com a temática de gênero e sexualidade veio da experiência de trabalho em estágios em diversas áreas da psicologia, tais como educação e saúde pública, que foram diretamente perpassados por estas temáticas. Questões relacionadas a “o que é de homem” e “o que é de mulher”, assim como formas de relacionamento que deveriam ser estabelecidas ou interditas apareceram de diversas formas, apontando a existência de uma norma que, por vezes, ficava implícita. Assim, acabou se tornando minha pauta de estudo refletir sobre as experiências de gênero e sexualidade.

A temática da sexualidade tem sido abordada ao longo da história da humanidade de diversas formas. Genérica e comumente tem sido denominado por sexo uma ampla gama de fenômenos, desde à atribuição de estatutos de “homem” e “mulher” a partir de determinados órgãos e características biológicas, até a demarcação de formas de relacionamento entre pessoas. No entanto, tal questão tem sido muito estudada por diversos filósofos(as) e pesquisadores(as), sendo que alguns destes, tais como Judith Butler, Michel Foucault, Simone de Beauvoir e Paul B. Preciado, puseram em questão a forma como esta temática vinha sendo tratada. Isso porque mostraram que a questão do “sexo” estava demarcada por um horizonte histórico desde sua base, alterando a compreensão que se tem da sexualidade e do que veio a ser denominado gênero, marcando inclusive sua diferenciação em relação ao sexo biológico.

O filósofo Michel Foucault foi um dos importantes estudiosos da temática da sexualidade, que abordou nos três volumes de “História da sexualidade”(2018) -“A vontade de saber”, “O uso dos prazeres” e “O cuidado de si” - e em “Microfísica do Poder” (1979). Ele demarcou ao longo de sua obra como a relação com a sexualidade foi se alterando historicamente como forma de controlar os corpos das pessoas. Em “Microfísica do Poder” (1979), ele aponta que do século XVII ao século XX o controle sob os corpos pelo poder foi rígido e meticuloso, expressando-se em ambientes tais como escolas, fábricas, prisões e hospitais psiquiátricos.

É possível perceber, portanto, que existem diversas formas de compreender gênero e sexualidade, diversos sentidos foram atribuídos a essas experiências na contemporaneidade. Por isso, escolhi nessa pesquisa buscar compreender as experiências relacionadas aos gêneros e sexualidades e os diversos sentidos que as podem constituir a partir da compreensão de ser humano e de mundo da fenomenologia heideggeriana. Assim, para poder realizar este objetivo, este trabalho se organizou da seguinte forma: no primeiro capítulo, foi abordada a questão do ser para Martin Heidegger, e como sua compreensão altera a forma de entender gênero e sexualidade. No segundo capítulo, foi feita uma retomada acerca de como se tem falado sobre gênero e sexualidade ao longo da história. Em um terceiro capítulo, foi feita uma crítica a partir da fenomenologia heideggeriana a uma das formas de compreender a temática, a que visa o controle. Foram trazidas também as teorias sobre gênero e sexualidade que colocaram em xeque a concepção biologizante e normativa acerca do assunto. Em um quarto capítulo, foi realizado um breve resumo historicamente contextualizado acerca das temáticas do gênero feminino e da formação do movimento LGBT. No quinto capítulo, foi fundamentada a metodologia desta pesquisa. Em um sexto capítulo, as entrevistas foram apresentadas e foi realizada uma análise hermenêutica de desvelamento de sentidos, utilizando para isso todos os aspectos estudados acerca de gênero, sexualidade e corpo. Por fim, no sétimo capítulo foram feitas as considerações finais, que possibilitaram entrelaçar o que foi compreendido a partir deste trabalho.

## 2 UM PRIMEIRO OLHAR PARA A TEMÁTICA: A QUESTÃO DO SER E UMA FORMA DE COMPREENDER GÊNERO E SEXUALIDADE

Entende-se, de acordo com Critelli (2006), que compreender *o que é e como é* algo, elementos básicos de qualquer investigação, é perguntar pelo ser de algo. Desta forma, considerando gênero e sexualidade enquanto fenômenos humanos, faz-se necessário colocar em pauta o ser humano, e para isso partirei da compreensão específica de humano da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger.

Primeiramente, é importante pontuar que a questão do ser é pautada por discordâncias dentro do pensamento filosófico que acabam por constituir a própria filosofia (CRITELLI, 2002; CRITELLI, 2006). Heidegger reflete sobre o humano a partir da questão de que ente é esse que se pergunta acerca do seu ser. É possível perceber que a própria necessidade de questionamento acerca do ser ocorre porque não há um sentido de ser previamente estabelecido. O sentido de ser do humano não é dado; ele não tem essência, é marcado por uma indeterminação ontológica. Isto faz com que o ser humano precise do mundo, que deve ser compreendido aqui como um campo de possibilidades historicamente determinadas, para o tirar desta indeterminação, fornecendo sentidos a partir dos quais ele pode agir. Assim, tudo se manifesta para ele a partir desta sua condição fundamental de abertura para o mundo. (CARDINALLI, 2015; CASANOVA, 2017 A). Isto é denotado pela palavra existência (mover-se-para-fora). Desta forma, o ser humano é compreendido como *Dasein*, termo originalmente utilizado por Heidegger e traduzido por “ser-aí”. O *Dasein* é compreendido a partir de sua existência, não por determinações do que seria o humano:

Dessa forma, as características fundamentais do ser humano não são propriedades ou qualidades, mas modos em que é possível ser. O ser-aí é compreendido sempre com base em sua existência, isto é, uma possibilidade de ser ele mesmo ou não. Ao elucidar que a essência do ser-aí é sua própria existência e não as suas propriedades, Heidegger (1987/2009) destaca que a essência não está referida aos conteúdos materiais ou à substância, pois o ser-aí não é “algo passível de objetivação” (p. 33). (CARDINALLI, 2015, p.250)

A compreensão do ser humano enquanto *Dasein*, ou seja, sem nenhuma determinação *a priori*, nos permite entender que o humano não possui (e aqui *possui* aponta para propriedade) orientações sexuais e identidades de gênero. As formas de ser relacionadas a gênero e sexualidade são constituídas na relação com o mundo enquanto

horizonte de sentidos. Simone de Beauvoir, filósofa francesa existencialista e feminista, posiciona-se de forma parecida ao discutir a questão de gênero:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 2009, p.267)

Assim, se compreende que se é mulher sendo, sem nenhuma determinação a priori. Preciado (2017) ressalta também que este postulado também é válido para o gênero masculino: ninguém nasce homem, torna-se. Judith Butler afirma o mesmo, entendendo gênero como um devir, sem origem nem fim (SALIH, 2017). Desta forma, é possível compreender que, de acordo com a fenomenologia heideggeriana e outras diversas teorias específicas sobre o assunto, gênero e sexualidade são constituídos a partir dos sentidos apresentados pelo mundo, não existindo previamente. Há, no entanto, um contraste entre as concepções aqui apresentadas e a compreensão cotidiana acerca do assunto, explicitado por Casanova (2017) ao abordar a diferença entre indeterminação ontológica e gênero e sexualidade enquanto categoria identitária ao discutir gênero a partir de Heidegger. Ele aponta que é importante termos por horizonte que o homem conquista sua familiaridade para com o mundo enquanto horizonte de sentidos sedimentados, consolidados, se envolvendo com este, e se esquecendo, portanto, de seu caráter indeterminado de ser. Estabelece uma identidade, na qual tem caráter central o gênero e sexualidade. Assim, a tendência da cotidianidade mediana é de que o ser humano se mantenha em meio à concepção sedimentada de gênero e sexualidade, que acaba por ser heteronormativa. Desta forma, apesar do caráter de indeterminação ontológica do ser humano, as pessoas acabam se vendo cotidianamente jogadas neste mundo heteronormativo, que limita as possibilidades de relações sexuais e expressões de gênero. Ele afirma também que há uma intensificação desta tendência a partir do biologicismo de nossa época, questão que será pautada mais detalhadamente em um dos capítulos deste estudo, “Controle de gênero e da sexualidade a partir da Metafísica”.

Assim, ao longo da história da ciência, e, de certa forma, da filosofia, o gênero e a sexualidade foram tratados como categoria médica e biológica, através da compreensão de que haveria um padrão normativo e único; tudo que não se conforma com a norma heterossexual acabou por se constituir enquanto perversão, categoria

criada por instituições médico-legais em 1868 que tornava patologias o que se opusesse ao padrão normativo instituído, de acordo com Preciado (2017). Foucault (1979) apontou que a homossexualidade, especificamente, foi constituída como objeto de análise médica em 1870 e que pessoas homossexuais teriam sido percebidas, até então, como libertinas e delinquentes; a partir desse momento, porém, passaram a ser vistos como loucos, internados em asilos, e a medicina tomou por intuito curá-los.

A mudança em direção à despatologização das expressões de sexualidade e gênero tem sido lenta e, nesse sentido, cabe destacar que, infelizmente, as identidades trans só foram retiradas da categoria de transtornos mentais do Código Internacional de Doenças em sua décima primeira edição, algo que foi anunciado em 2018, mas apenas oficializado em maio de 2019 na 72ª Assembleia Mundial da Saúde (CFP, 2019). A transsexualidade passa a integrar a categoria de “condições relacionadas à saúde sexual” na classificação de “incongruência de gênero”, acordo com o site do CFP (2019).

Torna-se importante pontuar que apesar da transsexualidade não ser mais considerada um transtorno mental, o campo do gênero e da sexualidade ainda é pautado por disputas em torno da questão da patologização. Um exemplo disto é o da chamada “cura gay”, baseada na ideia de que a homossexualidade é uma doença em relação a qual a pessoa poderia ser tratada com o intuito de se tornar heterossexual. O Conselho Federal de Psicologia, em sua Resolução 01/99, dispõe sobre a categoria profissional da psicologia não poder realizar terapias de “cura gay”, ou seja, de reversão sexual, fundamentando a resolução no posicionamento da Organização Mundial de Saúde de que homossexualidade não é uma patologia (CFP, 2018). Ocorre que:

Em setembro de 2017, a Resolução 01/99 foi alvo da Ação Popular nº 1011189-79.2017.4.01.3400, movida por um grupo de psicólogas e psicólogos defensores do uso de terapias de reversão sexual. Ainda em setembro, a Justiça Federal da Seção Judiciária do Distrito Federal acatou parcialmente o pedido liminar, reabrindo o debate sobre o uso de terapias de reversão sexual. Apesar de manter a integralidade do texto da Resolução 01/99, a decisão do juiz federal Waldemar Cláudio de Carvalho determinou que o CFP a interpretasse de modo a não proibir que profissionais da Psicologia atendam pessoas que busquem terapias de reorientação sexual. (CFP, 2018)

O Conselho Federal de Psicologia entrou com uma reclamação constitucional visando suspender os efeitos da decisão do juiz, anexando a esta uma carta feita pelo jurista Daniel Sarmiento que aponta que cabe ao Conselho regular a profissão da psicologia, assim como de que a Resolução 01/99 está de acordo com princípios

fundamentais contidos no Código de Ética (CFP, 2018). Fica evidente, portanto, que ainda existem entendimentos acerca da questão que tornam determinadas formas de expressão de gênero e sexualidade patologias. Assim, torna-se importante assumir uma posição em relação ao assunto, tal como proposto por Casanova (2017):

Não se trata apenas da necessidade de destruição das versões sedimentadas da tradição que impactam sobre a constituição propriamente dita da identidade cotidiana, mas também e necessariamente da transformação da transição em espaço de combate a toda e qualquer tentativa de instituição de uma medida retificadora de todos os comportamentos em geral. (...) É preciso conquistar o espaço da dissonância e da diferença como o espaço propriamente dito de ser. E isso significa no presente contexto: alcançar mais uma vez a essência de nossa corporeidade/ sexualidade no caráter outro que é sempre o dela. (p. 215)

Desse modo, esta pesquisa tem por objetivo compreender este espaço da dissonância e da diferença da sexualidade e do gênero fundado nesta indeterminação ontológica própria ao Dasein. Para isso, é necessário compreender as versões sedimentadas que acabam por retificar comportamentos, instaurar normas e patologizar tudo que não corresponde a elas. Coloca-se o questionamento acerca de como se dão as experiências de gênero e sexualidade, visando compreender os sentidos existentes acerca desta temática: também aqueles que dizem respeito a uma normatividade, mas principalmente aqueles que escapam a ela. Esta se apresenta como a pergunta desta pesquisa, sabendo que não há uma resposta generalizada para tal. Entende-se que estes questionamentos podem possibilitar reflexões e compreensões que não se pautem a partir dos sentidos excludentes e geradores de preconceitos. Isto permite a ampliação das discussões sobre gênero e sexualidade, de forma a possibilitar uma luta contra preconceitos e o desenvolvimento de atuação psicológica de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, conforme orienta o Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005).

### **3 COMO A COMPREENSÃO SOBRE SEXO SE ALTEROU AO LONGO DA HISTÓRIA**

Considerando que este trabalho tem por intuito desvelar os sentidos relacionados a experiências de identidade de gênero e orientação sexual, faz-se necessário previamente conhecer quais são esses sentidos em âmbito histórico e social. Com este intuito, nos pautamos na obra de Michel Foucault “História da sexualidade 1: A vontade de saber” (2018). Nesta obra, Foucault começa por colocar em questionamento uma hipótese muito frequentemente formulada acerca do sexo, que ele denomina de hipótese repressiva: a de que a partir do século XVII a sexualidade e os discursos acerca dela teriam sido reprimidos, interditados, como forma de dominação da burguesia sobre a sexualidade. Em contraponto a isso, estariam aqueles que produzem discursos sobre o sexo enquanto forma de subversão desta dominação. Exemplos desta interdição seriam a restrição do vocabulário utilizado para se falar de sexualidade, o uso de metáforas, alusões e o controle estrito dos contextos em que se poderia ou não falar sobre sexo.

Foucault não nega esta interdição, mas refuta-a enquanto aquilo que teria constituído a sexualidade a partir da Idade Moderna. Ele insere os elementos de proibição, mascaramento e ocultação em um contexto mais amplo, que visa compreender como o poder controla o prazer cotidiano, encontrando aí também elementos de incitação. O filósofo aponta como objetivo de seu estudo “(...) levar em consideração o fato de se falar sobre sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz (...)” (FOUCAULT, 2018, p.16).

Ao trazer estas categorias, Foucault analisou historicamente o discurso sobre o sexo. Ao fazê-lo, foi possível distinguir que ainda que tenha havido esta restrição da palavra e da língua, o mesmo não se deu no nível dos discursos. Neste campo houve, ao contrário, uma incitação institucional a se falar do sexo cada vez mais. Traz como início desta análise a transformação do sacramento da confissão católica após o Concílio de Trento: a linguagem em que a confissão passa a ser feita é encoberta e passa a se ter o cuidado de não mencionar o sexo diretamente; no entanto, todos os atos de desejo passam a dever serem confessados. De acordo com Foucault (2018):

É aí, talvez, que pela primeira vez se impõe, sob a forma de uma constrição geral, essa injunção tão peculiar ao Ocidente moderno. Não falo da obrigação de confessar as infrações às leis do sexo, como exigia a penitência

tradicional; porém da tarefa, quase infinita, de dizer, de se dizer a si mesmo e de dizer a outrem, o mais frequentemente possível, tudo o que possa se relacionar com o jogo dos prazeres, sensações e pensamentos inumeráveis que, através da alma e do corpo, tenham alguma afinidade com o sexo. Esse projeto de uma “colocação do sexo em discurso” formara-se há muito tempo, em uma tradição ascética e monástica. O século XVII fez dele uma regra para todos. (p. 23)

A incitação a fazer de todo desejo um discurso tem efeitos de condução e modificação deste; no caso da confissão cristã, o intuito não era apenas o de tentar produzir desinteresse pela sexualidade, mas também de conduzir um retorno a Deus. Foucault aponta isto enquanto uma técnica que acaba por não se restringir aos domínios da espiritualidade católica, pois torna-se parte essencial de outros mecanismos de poder. Assim, a partir do século XVIII surge uma incitação a um discurso sobre o sexo - e não qualquer discurso, mas sim um discurso da racionalidade, analítico, pautado em pesquisas quantitativas ou causais. De acordo com Foucault, assume-se uma forma de lidar com o sexo pautada em administrar e inserir em sistemas de utilidade toda e qualquer forma de expressão do desejo, de forma que nada escape à gestão da sexualidade, ou, em minhas palavras, de seu *controle*.

Assim, para que toda expressão de sexualidade possa ser administrada, incita-se a falar dela, ainda que a forma pela qual se fala dela passe por regras de discrição e pudor. A sexualidade passa a ser analisada em campos como biológico, pedagógico e econômico, e incita-se a produzir discurso sobre ela tanto através de exortações morais e religiosas como a partir de medidas fiscais que visam regular a taxa de nascimento populacional. Foucault elenca diversas áreas que passam a suscitar discursos sobre o sexo: primeiramente a medicina, através das “doenças dos nervos”. Após ela, a psiquiatria, ao estudar perversões sexuais e ao procurar a etiologia de doenças mentais. A justiça penal também é outro desses campos, tratando primeiro de crimes considerados de grande porte e “antinaturais” para, na segunda metade do século XIX, passar a crimes menores. O campo do sexo, organizado em um discurso unitário durante a Idade Média ao pensar a temática da “carne” e o da prática da confissão, passa então a ser pautado por discursos múltiplos produzidos por instituições diversas, algumas acima citadas.

Entende-se então a importância de compreender quem fala, a partir de qual ponto de vista, e quais efeitos são produzidos a partir deste discurso. Além disso, relativamente às interdições, cabe também perguntar quem não pode falar e em que circunstâncias. Quais discrições são exigidas - e aqui não somente relativas à fala? Estas

são interrogações que teremos em vista ao longo deste estudo, compreendendo que já que este trabalho é uma produção acerca da temática de gênero e sexualidade, torna-se importante retomar sua função social ao dar visibilidade para diversos discursos sobre sexo.

#### 4 CONTROLE DO GÊNERO E DA SEXUALIDADE A PARTIR DA METAFÍSICA

Em seu livro “História da sexualidade 1: A vontade de saber”, Foucault (2018) apontou que a gestão da sexualidade, sua administração e inserção em sistemas de utilidade, ou seja, seu controle, tem grande lugar nos discursos produzidos acerca desta temática. A fenomenologia aponta uma compreensão do controle ao fazer uma crítica à Metafísica, já que esta funda um entendimento do mundo baseado no controle. Esta compreensão nos será essencial para o desvelamento dos sentidos existentes na contemporaneidade acerca de gênero e sexualidade.

A Metafísica pode ser pensada como tendo seu início a partir do século V a.C. e do pensamento platônico, que concebia uma divisão em dois âmbitos distintos, sensível e supra-sensível (MICHELAZZO, 2001). O âmbito do supra-sensível seria o da *idéa*, do conceito, que é entendido como imutável, uno e verdadeiro, enquanto o do sensível, aquele que pode ser apreendido pela nossa experiência, que é mutável e pode ser percebido a partir de diversos pontos de vista, é visto como imitação do real (MICHELAZZO, 2001; CRITELLI, 2006). Esta separação pressupõe, então, um afastamento do que se percebe no contato com os entes, e caracteriza a mutabilidade e a falta de unicidade de compreensões como um problema, na medida em que haveria uma verdade única e imutável.

A Metafísica então vai se afirmando e tomando outras formas em nossa tradição filosófica ao longo da história. Aristóteles posteriormente estabeleceu que esta função do conhecimento pertence ao intelecto (CRITELLI, 2006). A questão adquire outras proporções, sendo ampliada a partir de Descartes, que estabelece o *Cogito* - a razão - como princípio e certeza básica para se assegurar dos entes através da mensuração. Em relação a esta, Heidegger (2017) mostra o encurtamento do significado da mensurabilidade ao pensar em seu sentido usado nas ciências naturais, que é o de verificações determinadas por números. Mensurabilidade significa calculabilidade, e esta, por sua vez, remete a pré-calculabilidade, querendo por isso dizer a possibilidade de contar com os processos da natureza e dispor dela. Há, portanto, desejo de “possuir”, dominar e controlar a natureza presente no pensamento cartesiano. Quando Descartes estabelece, porém, o pensamento como única fonte de certeza, ele aproxima a matemática, com suas certezas lógicas, da verdade. Assim, a mensurabilidade fica submetida à lógica matemática (HEIDEGGER, 2017). Descartes também muda a forma

de concepção dos entes, que anteriormente era de sua presença como dada por si mesma. Torna-se, com o pensamento cartesiano, uma representação de um sujeito: um objeto.

O pensamento Metafísico funda então uma compreensão do mundo baseada no *controle*, no qual não se pode confiar no mostrar-se dos entes, por não ser único e nem imutável. A fenomenologia coloca em questão esta concepção de mundo quando se questiona acerca do ser. Escapando à compreensão metafísica de humano enquanto um ente objetificado, controlável e determinado, a fenomenologia percebe que o ser humano é capaz de postular a questão do ser justamente por não ter nenhuma determinação a priori (CASANOVA, 2017 A; CRITELLI, 2006). O ser do homem é marcado por indeterminação ontológica, por *nadidade*; ele “(...) não tem corpo, sensibilidade, genoma, fenótipo, sinapses, não tem órgãos, fluxo sanguíneo, colesterol, triglicerídeos, (...) não tem raça, sexo (...)” (CASANOVA, 2017 A, p. 33).

Assim, percebe-se diferença deste olhar em relação ao das ciências naturais, que vê o ser como um ente objetificado, uma essência única mensurável. Isto porque a fenomenologia surge mesmo como crítica do modo de pensar metafísico que dá base às ciências naturais (CRITELLI, 2006). Estas acabam, então, por submeter o corpo humano, juntamente com gênero e sexualidade, à objetividade e à mensuração matemática. Entendem-no como *körper*, corpo material, um conjunto de órgãos delimitado por epiderme, mensurável, objetificado e independente do existir humano, subjugando o corpo da experiência, do fenômeno, *leib* (CARDINALLI, 2015; VAZ, 2015). A limitação causada pela compreensão do corpo enquanto mensurável pode ser visualizada a partir do exemplo fornecido por Heidegger (2017) sobre a tristeza. É impossível medir lágrimas, ou melhor, podemos até medir um líquido que escorre dos olhos de uma pessoa, mas desta forma estaremos fugindo do fenômeno da tristeza. Desta forma, o gênero e a sexualidade não devem ser entendidos, pelo menos nas ciências humanas como a psicologia, a partir de critérios que compreendem o corpo enquanto ente, já que este entendimento trata do ser humano a partir do *controle*, da normatização e da marginalização daqueles que não se enquadram na norma.

Não só no âmbito da fenomenologia hermenêutica e retornando aos filósofos que estudaram gênero e sexualidade, a relação entre controle, normatização e preconceito também foi estabelecida. Preciado (2017) discute esta relação de controle do corpo ao considerar que tanto a (hetero)sexualidade quanto as chamadas “identidades” de gênero (normalmente consideradas em sua forma binária masculino-

feminino) não são provenientes de um instinto natural, que nasceria conosco, nem de um órgão específico. Ocorre, no entanto, uma utilização da natureza biológica como ordem para legitimar a submissão de corpos a outros. Desta forma, instaura-se:

(...) uma temporalidade lenta na qual as instituições sexuais parecem nunca ter sofrido mudanças. Nela, as tecnologias sexuais se apresentam como fixas. Tomam emprestado o nome de “ordem simbólica”, de “universais transculturais”, ou, simplesmente, de “natureza”. Toda tentativa para modificá-las seria julgada como uma forma de “psicose coletiva” ou como um “Apocalipse da Humanidade”. Esse plano de temporalidade fixa é o fundamento metafísico de toda tecnologia sexual. (PRECIADO, 2017, p. 24)

Ainda neste sentido, de acordo com Salih (2017), Butler também realiza uma crítica ao que chama de “metafísica da substância”, crença de que o sexo e o corpo são entidades materiais e naturais, apontando que estas categorias são assim estabelecidas de forma a perpetuar uma “heterossexualidade compulsória”. Esta deve ser compreendida como a solicitação ou ordenação das pessoas a serem heterossexuais. Desta forma, tanto o corpo, quanto o gênero enquanto “(...) a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos (...)” (BUTLER, 1990 apud SALIH, 2017, p.113) se cristalizam de forma a produzir o efeito de substância.

A própria *mistura* que ocorre comumente entre gênero e sexo é fruto desse entendimento. Associa-se determinados órgãos, os reprodutivos, à sexualidade, e à ela papéis e práticas sexuais que acabam por ser atribuídos aos gêneros masculino e feminino (PRECIADO, 2017). Isso regula as pessoas: torna certas partes do corpo não sexuais, por não serem centros reprodutivos; estabelece dois gêneros de acordo com práticas específicas, distribuindo poder assimetricamente entre eles de forma a privilegiar o masculino; possibilita a dominação do padrão heterossexual, considerado o “normal” a partir da associação com os órgãos reprodutivos. É importante ressaltar que:

Dado que aquilo que se invoca como “real masculino” e “real feminino” não existe, toda aproximação imperfeita deve se renaturalizar em benefício do sistema, e todo acidente sistemático (homossexualidade, bissexualidade, transexualidade...) deve operar como a exceção perversa que confirma a regra da natureza. (PRECIADO, 2017, p. 30)

É necessário, portanto, colocar em questão a submissão de pessoas através do padrão heteronormativo e binário, assim como partir para outra compreensão de gênero e sexualidade, que os entenda enquanto fenômeno.

## 5 GÊNERO E SEXUALIDADE AO LONGO DA HISTÓRIA

A partir da compreensão de que ao longo da história ocidental foram instaurados padrões acerca de gênero e sexualidade que passaram a operar enquanto norma, excluindo tudo e todos que não se adequassem a ele, faz-se necessário aprofundar o entendimento acerca de como isto se deu enquanto processo histórico. Só será possível pensar na singularidade que cada pessoa é (e pode ser), entendendo-a no mundo enquanto horizonte de sentidos sedimentados. Assim, neste capítulo será feita uma breve contextualização das possibilidades historicamente estruturadas acerca do gênero feminino e das formas de expressão de gênero e sexualidade denominadas LGBT.

### 5.1 Sobre o gênero feminino

Simone de Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo* (2009), que neste ano de 2019 completa setenta anos de sua primeira publicação, fornece um importante estudo acerca do gênero feminino, do qual utilizaremos aqui apenas alguns recortes. Partimos de um questionamento feito pela filósofa: o que é uma mulher? Beauvoir aponta algumas definições que já foram levantadas, criticando-as. Primeiramente, há uma definição biológica, em que se entende que uma mulher seria alguém que tem um útero. Beauvoir aponta que aqueles que definem a mulher a partir da biologia frequentemente utilizam-se de expressões afirmando que determinada pessoa não é mulher de verdade, mesmo tendo útero, por não corresponder a um ideal de feminilidade. Desta forma, este acaba por não ser o único critério que social e cotidianamente define o que é ser mulher. Mesmo assim, existem formas de compreender a mulher que explicariam sua inferiorização socialmente estabelecida a partir de estruturas biológicas que a caracterizariam enquanto tal, e que, a partir disso, postulam tal inferiorização como imutável. Beauvoir pontua sua compreensão de que o ser humano não se define pela natureza, e afirma que a mulher se forma como tal a partir de sua relação com seu corpo e com o mundo, compreendendo este como histórico. Isto está de acordo com as críticas que foram trazidas anteriormente neste trabalho no capítulo *Controle e Metafísica*.

Uma segunda definição possível do que é a mulher seria uma compreensão conceitualista que a enxerga enquanto uma categoria fixada, um “eterno feminino”, concepção esta em evidente contraste com a compreensão de Beauvoir de que a mulher

se constitui enquanto tal a partir de um horizonte histórico. Em contraponto a esta segunda definição, há ainda uma terceira, formulada a partir do racionalismo e do nominalismo e que aponta a palavra “mulher” como sendo despida de significado, nomeando arbitrariamente determinados seres humanos. Beauvoir critica essa definição, afirmando que compreender a mulher desta maneira genérica faz com que se perca de vista que cada ser humano se apresenta onticamente de maneira singular. A filósofa aponta também a existência de um fundo comum a partir do qual as mulheres se apresentam de maneira singular. Assim, pode-se compreender que entender “mulher” como uma categoria arbitrária de seres humanos nega tanto esse fundo comum quanto as vivências singulares de cada mulher.

Abre-se então a forma de Beauvoir de compreender a humanidade enquanto um *devoir histórico*. Ao fazer uma aproximação com a fenomenologia heideggeriana, pode-se entender esse devir como um “estar aberto, fundado e lançado em possibilidades de ser” (POMPEIA; SAPIENZA, 2011) no mundo, ou seja, “(...) em um campo existencial marcado por possibilidades historicamente constituídas.” (CASANOVA, 2017 A, p. 39). O *Dasein* se vê logo de início jogado em um mundo em que ser mulher está historicamente constituído, o fundo comum apontado por Beauvoir. Negar isto, como sugeriria a terceira definição, seria negar a historicidade do mundo.

Beauvoir aponta mais um sério problema contido nesta forma de perceber a mulher: indicaria uma fuga inautêntica da condição em que as mulheres se situam, ao negar o contexto histórico de inferiorização da mulher existente na sociedade ocidental tanto entre as classes trabalhadoras quanto entre as dirigentes. Faz-se importante pontuar que esta negação deu-se porque a história foi escrita por homens, e aqueles colocados em posição de produtores de conhecimento deram à submissão da mulher o caráter em que se constituiu, com exemplos tão antigos quanto o código romano, a título de ilustração. Desta forma, Beauvoir desenvolve sua compreensão do que é ser mulher a partir de um ponto de vista histórico. Aponta que, por mais que se remonte na história, a mulher nunca foi definida em si, mas relativamente ao homem e subordinada a ele. A filósofa apresenta um exemplo da língua portuguesa, em que é possível utilizar a expressão “os homens” para designar toda a humanidade; já para falar de mulheres, faz-se necessário situá-las em meio a humanidade.

Como parte desta retomada, Beauvoir apontou que nas sociedades os direitos e costumes acerca das mulheres nem sempre coincidiram, o que fazia com que em nenhuma situação a mulher se pudesse estabelecer enquanto livre. Dentre diversos

exemplos, existe o do casamento: a mulher casada tinha seu lugar social e junto aos costumes, mas nenhum direito, enquanto a celibatária estava na situação oposta: gozava dos direitos compartilhados com o homem, mas era excluída no âmbito social. Assim, grande número de mulheres passou a reivindicar a conjunção dos direitos e das possibilidades concretas.

Apesar de já existirem mudanças, os valores patriarcais ainda subsistem e em diversos locais do mundo as mulheres ainda não têm os mesmos direitos que os homens, sendo esta uma situação que infelizmente perdura desde os tempos em que Beauvoir escreveu até a atualidade. Um dos exemplos mais explícitos dados pela autora é o da inserção das mulheres no mercado de trabalho em decorrência da Revolução Industrial. Surgem reivindicações feministas decorrentes de argumentos econômicos, combatidas fervorosamente por uma burguesia que vê a garantia da propriedade privada na constituição familiar que existia até então. Eventualmente as mulheres ocuparam o campo do trabalho, mas os homens ainda não assumem as tarefas antes reservadas às mulheres, acreditando diminuir-se desta forma. Esta situação acarreta então em uma dupla jornada, extremamente penosa, de assunção dos cuidados da vida denominada “do lar” e do trabalho. Este problema da conciliação da vida doméstica com a empregatícia ocorre no exemplo apresentado por Beauvoir das camponesas francesas, mas é também uma temática bastante atual.

Ainda em sua obra “O segundo sexo”, Beauvoir (2009) também aponta que o âmbito do trabalho está atravessado pela questão de que, mesmo em igualdade de condições (mesma experiência e conhecimentos, por exemplo), os homens ainda ganham salários mais altos, ocupam mais cargos de importância e liderança e tem maiores possibilidades de êxito em seus empregos. Desta forma, o exemplo do trabalho mostra como ao longo da história os direitos e costumes relacionados a mulher mudaram, mas ainda não permitiram que ela possa escapar totalmente de uma condição de subordinação ao homem.

Esta compreensão da mulher a partir do passado faz-se necessária, porque permite entender que o futuro feminino não está dado e fixado como se faria parecer a partir de uma compreensão da mulher enquanto determinada pela natureza. Uma mudança da situação feminina é possível, mas para isso é necessário que ocorram mudanças econômicas, morais, sociais e culturais em nossa sociedade. Beauvoir aponta nesse processo de saída de uma subordinação ao homem a importância para mulheres de uma existência autenticamente assumida, compreendida como liberdade. Apontando a

mulher como estando na imanência, em um estado objetificado, e os homens na transcendência, Beauvoir indica este libertar-se como um buscar a luz da própria transcendência, ao invés de tentar eliminar a masculinidade e relegá-la também ao estado de coisificação. A autora indica também, no entanto, as dificuldades existentes para que isso aconteça, apontando que há uma tentação para a mulher em se constituir como “coisa”: a de poder fugir da angústia. De acordo com Beauvoir, ao fugir da angústia e de assumir seu si mesmo, a mulher acaba não se tornando responsável por ele, algo que diversos homens tentam afirmar enquanto um privilégio feminino. A autora destaca que esta irresponsabilidade não indicaria uma característica feminina, e sim uma forma pela qual a mulher tem sido educada, que não lhe ensinou a importância de assumir sua existência.

É possível fazer um paralelo com uma compreensão heideggeriana de liberdade e angústia. De acordo com Pompeia e Sapienza (2011), o Dasein é livre, sendo esta liberdade concebida em um plano ontológico a partir do caráter de poder-ser do ser-aí, ou seja, de ser aberto em possibilidades. Isto se fundamenta, no entanto, na indeterminação ontológica do Dasein; caso existissem determinações prévias, o ser-aí não seria lançado nas possibilidades, e sim marcado pelas determinações. Assim, ser livre também é poder deparar-se com a angústia, já que podemos compreendê-la, de acordo com os mesmos autores, como um defrontar-se com o nada, com a ausência de determinação. Pompeia e Sapienza (2011) apontam que frente a angústia um primeiro movimento possível é buscar refúgio no âmbito impessoal, passando a viver imerso em sentidos sedimentados sem pensar em seu caráter de indeterminação. A pessoa passa a viver, portanto, de maneira imprópria. Assim, tal como Beauvoir propõe, podem existir dificuldades frente a empunhar a liberdade, porque significaria defrontar-se com angústia. É importante demarcar, no entanto, que, na compreensão heideggeriana, mesmo defrontando-se com a angústia, uma pessoa eventualmente volta ao refúgio do âmbito impessoal, sendo isto característico do estar-no-mundo do ser-aí. Assim, para a fenomenologia heideggeriana a liberdade do ser-aí tem que ser sempre reconquistada.

Esta é apenas uma das possíveis dificuldades com as quais a mulher pode se deparar para sair da subordinação ao homem: ela pode também não ter meios concretos de fazê-lo, ou se estabelecer em relações com homens devido a laços que os unem, sem, no entanto, exigir reciprocidade. Beauvoir (2009) também aponta que podem existir dificuldades advindas dos homens em abdicar de uma condição de ser essencial e privilegiado. Sair desta situação significaria renunciar a oprimir, algo que é feito a partir

de um fugir de si alienando-se no outro. Faz-se importante lembrar que o próprio homem acaba por ser escravo de uma imagem de masculinidade em relação a qual precisa constantemente corresponder. Prende-se também a uma constante diferenciação do gênero feminino, para não sofrer as mesmas opressões. Desta forma, entende-se que é importante que também o homem possa não se prender a determinações, tanto para sua libertação quanto para a da mulher.

Compreende-se, então, a liberdade como forma de quebrar o padrão de inferioridade-superioridade estabelecido entre os gêneros. Retomando o exemplo de Beauvoir de que homem se tornou um equivalente linguístico para ser humano, compreendemos que se tirarmos a mulher de um estado de coisificação e a devolvermos à sua condição de ser humano, ou, em termos heideggerianos, de Dasein, poderemos enxergar que tanto ela quanto o homem são ambos marcados pela abertura, pela finitude, pelo tempo, pela morte, por uma relação essencial com o outro (ser-com, de acordo com Heidegger).

## 5.2 O movimento LGBT

A sigla LGBT refere-se a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans (FACCHINI; FRANÇA, 2009; DAVI; BRUNS, 2015). O primeiro termo é utilizado para mulheres que se relacionam com mulheres; o segundo, para homens que se relacionam com homens. Já bissexual é a nomenclatura utilizada para pessoas que se relacionam com dois gêneros. A letra T refere-se à pessoas que identificam seu gênero com outro diverso daquele nomeado a partir dos órgãos biológicos com os quais a pessoa nasceu. De acordo com Facchini e França (2009), o T foi escolhido para agregar travestis, transsexuais e transgêneros, como uma forma de tentar contornar debates existentes no interior do segmento “trans”.

A sigla LGBT por vezes é alterada para abarcar maior quantidade de expressões de identidade de gênero e orientação sexual, como através do acréscimo de +, ou da letra Q, que se refere a “*queer*”. A teoria *queer* surge da interlocução de teorias feministas, psicanalíticas e pós-estruturalistas, de acordo com Salih (2017). O nome *queer* provém da apropriação de um termo que anteriormente era um insulto, e é, de acordo com a autora, resistente a definições. Pode-se, no entanto, pensar *queer* como um movimento que afirma a indeterminação de todas as identidades de gênero e

orientações sexuais, e busca o *queer* atrás das identidades héteros aparentemente mais estáveis (SALIH, 2017).

Outras variações da sigla LGBT, de acordo com o apontado por Facchini e França (2009), existem regionalmente ou de acordo como o grupo que nomeia. O mercado, por exemplo, utiliza-se da sigla GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), introduzida para nomear um nicho de mercado voltado para gays e lésbicas, mas que também tem potencial junto a pessoas heterossexuais. Pode-se pensar, portanto, que existem implicações ao adotar determinadas nomenclaturas e uso de siglas, por marcarem uma forma de posicionamento político em relação ao fenômeno do gênero e sexualidade.

Isso fica evidente nas variações da sigla ocorridas na década de 90 e no início dos anos 2000 no Brasil. O movimento, surgido no país na década de 1970 (FACCHINI; FRANÇA, 2009; DAVI; BRUNS, 2015), referia-se inicialmente apenas aos gays e lésbicas. Posteriormente, travestis foram incluídas na sigla. Em 2005, no XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros, bissexuais foram incluídos e convencionou-se que o T se referia a travestis, transsexuais e transgêneros. Posteriormente o L passa a entrar na sigla antes do G, com o intuito de visibilizar mulheres lésbicas (FACCHINI; FRANÇA, 2009). Assim, entende-se que existia uma visibilidade maior dentro do próprio movimento para homens cisgênero (ou seja, homens que identificam seu gênero de acordo com órgãos presentes ao momento de seu nascimento) gays. Entende-se, portanto, que o patriarcado e o machismo atravessam também o movimento social LGBT. A inclusão de pessoas trans e bissexuais na sigla, além da alteração da posição do L, faz parte de um movimento mais amplo de tentativa de maior visibilidade e de que essas formas de expressão de gênero e sexualidade entrem na pauta do movimento com igual força.

Esta mudança das siglas já permite um vislumbre do cunho político das nomenclaturas atribuídas ao fenômeno do gênero e da sexualidade. Esse cunho remonta, no entanto, ao surgimento da própria denominada homossexualidade a partir de uma categorização:

A categoria “homossexual” é bastante recente mesmo nas chamadas sociedades ocidentais e seu surgimento integra os próprios processos de consolidação dessas sociedades. A adoção do termo para designar pessoas que mantinham relações sexuais com outras do mesmo sexo fez parte de um movimento geral no sentido de criar categorias e espécies ligadas a comportamentos sexuais, movimento este especialmente impulsionado pelas práticas legais (Weeks, 1989) e pela categorização médica no século XIX,

num processo de construção da hegemonia do saber médico ocidental sobre outros saberes (Foucault, 1979). (FACCHINI; FRANÇA, 2009, p. 58)

De acordo com os mesmos autores, o nome “homossexual” surgiu então para limitar direitos de pessoas através das categorias médica e legal. O termo, no entanto, foi apropriado por quem passou a integrar um “movimento homossexual”, subvertendo-o e utilizando-o para reivindicação de direitos desta parcela da população, tal como foi feito posteriormente com o termo “*queer*”. O movimento refere-se, portanto, desde seu início, a um grupo de pessoas que tiveram suas formas de compreender seu gênero e sexualidade excluídas de uma normatividade existente na sociedade ocidental. Conforme aponta Preciado (2017), a norma instaurada é caracterizada pela separação de gêneros em masculino e feminino de acordo com determinados órgãos existentes ao nascimento da pessoa (pênis designaria homens, e vagina, mulheres). As pessoas assim separadas acabam por serem submetidas também ao padrão da heterossexualidade, em que pessoas do gênero masculino devem relacionar-se sexualmente apenas com pessoas do gênero feminino, e vice-versa.

Considerando essa constituição do movimento LGBT como sendo aquele que é formado por quem se encontra fora da normatividade, Facchini e França (2009) propõem compreendê-lo e orientá-lo a partir da proposição apresentada pelo movimento feminista de:

(...) desnaturalizar a concepção de que os sujeitos políticos apenas descrevem essências previamente dadas e de reconhecer que todo e qualquer sujeito político é construído a partir de contextos específicos (Butler, 2003; 1998; Brah, 2006; Haraway, 2004). Não se trata de refutar a utilização de categorias que façam referência ao sujeito do movimento, visto que são necessárias à ação política: manifestações, esforços legislativos ou visando ao acesso a políticas públicas precisam fazer reivindicações em nome de sujeitos determinados. Trata-se apenas de manter um olhar atento às inclusões e às exclusões e também às possibilidades e aos limites que se colocam no processo cotidiano de trazer dado sujeito político e suas demandas para o espaço público. Tal olhar possibilita tomar os sujeitos enunciados pelo movimento como termos sempre abertos a inclusões, acolhendo novas e diferentes demandas e questionando arranjos hierárquicos. (p. 77-78)

Propõe-se, portanto, que mesmo o movimento LGBT, constituído enquanto uma sigla que especifica quem a ele pertence, deve compreender o sujeito do movimento como historicamente constituído, de forma a estar aberto à possíveis mudanças na forma de compreender gênero e sexualidade. Não deve ficar, restrito, portanto, às especificações. Verifica-se, portanto, que ao longo de todos os capítulos foi se afirmando a existência de uma compreensão de gênero e sexualidade que visa controlar

este fenômeno em oposição a uma que o entende enquanto historicamente constituído, ao lado da qual se coloca também a compreensão da fenomenologia heideggeriana. Desta forma, esta pesquisa irá compreender este fenômeno a partir desta última visada, utilizando para isso a entrevista de duas pessoas e desvelando os sentidos existentes nelas, tal como será explicitado no próximo capítulo.

## 6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

### 6.1 A pesquisa fenomenológica

Este estudo foi pautado por uma metodologia de pesquisa fenomenológica que se coloca de acordo com o que foi proposto por Critelli em seu livro *Analítica do Sentido* (2006). Esta obra tem por base a filosofia feita por Martin Heidegger e por Hannah Arendt para pensar uma metodologia fenomenológica. Esta metodologia considera que investigar é interrogar, e conduzir uma investigação é lançar-se interrogante em direção aquilo que chama a investigadora, que a convoca. Este lançar-se interrogante tem diversos desdobramentos. O primeiro deles é que se pressupõe que a pesquisa não visa aplicar uma resposta já conhecida a um fenômeno (CRITELLI, 2006). O segundo é que a pergunta da pesquisa é essencial para o modelo de investigação fenomenológico. Desta forma, explicita-se aqui que esta pesquisa visa compreender experiências de gênero e sexualidade e os sentidos relacionados a estas, de forma a dar voz para experiências não-normativas. Torna-se importante elucidar que o termo experiência refere-se a “(...) significados vivenciados pelo indivíduo no seu estar-no-mundo.” (DUTRA, 2002, p. 372).

Um primeiro passo para a compreensão desta metodologia é, então, a explicitação de como os fenômenos podem ser conhecidos. Ainda conforme a proposta de Critelli (2006), em um estudo fenomenológico o ser de um ente é aquilo que faz com que algo manifesto seja ele mesmo e não outrem, e coincide portanto com seu aparecer. Desta forma, nesta pesquisa, gênero e sexualidade serão compreendidos tal como aparecem. Este aparecer é sempre caracterizado pelo mostrar-se de determinados aspectos do fenômeno, enquanto outros não são desvelados, de forma que:

Assim, o concreto, histórico e atual ser-no-mundo-com-os-outros (de homens, também eles concretos, situados, datados) instaura-se em seu duplo caráter: de ser o *lugar*, ou a *clareira* onde o ente pode manifestar-se para um olhar e, ao mesmo tempo, ser o *olhar*, ou a *iluminação* que provê esta mesma manifestação. (CRITELLI, 2006, p. 74)

Este aparecer depende de um movimento de realização dos entes que, ao ser explicitado, permite maior compreensão da importância da interrogação desta pesquisa. Assim, tem-se como parte deste movimento de realização o desvelamento, em que um ente é tirado do ocultamento por alguém, em um dado tempo e de determinada maneira. O movimento de desvelamento de um ente, da mesma forma que o de retorno ao

ocultamento, ocorre de acordo com o tempo e o existir. Percebe-se então um movimento de mostrar-se dos entes, em que se traz algo à luz de maneira a “(...) desvelar seu significado, o aspecto ou a perspectiva da coisa inscrita como sua possibilidade e do nosso relacionamento com ela.” (CRITELLI, 2006, p. 78). Essas facetas não podem ser desocultadas a partir de uma intenção racional, justamente por dependerem do existir.

O ente logo retorna ao ocultamento, no entanto, se não puder ser registrado em palavra, se não for expresso através da linguagem. Esta permite que o que se desocultou se conserve, na medida em que é comunicado aos outros. Desta forma, o conhecimento sobre os entes pode ser aglomerado e seus sentidos podem ser exibidos em suas infinitas possibilidades de aparecimento. É importante, portanto, que o revelado transforme-se em linguagem para que possa ser preservado historicamente. Esta pesquisa, portanto, tem por função guardar e comunicar o que se vive a respeito de gênero e sexualidade, acolhendo o que for desvelado, expressando-o e permitindo que ele seja testemunhado por outros. Este testemunho tem aqui uma característica fundamental: a de marcar o vir-a-ser também daquele que testemunhou. Conforme coloca Critelli (2006):

(...) à medida que o compreendido por alguém é testemunhado pelos outros, esses outros não só consolidam a existência daquilo que alguém compreendeu, como também consolidam, ao mesmo tempo, a existência desse alguém que compreendeu algo e trouxe esse algo compreendido para o testemunho. O testemunho coletivo de alguma coisa faz com que as pessoas que testemunham venham a ser, elas mesmas, o que e como são, em outras palavras, sejam abertas (nelas mesmas e a elas mesmas) por aquilo que lhes foi aberto. ( p.87)

Portanto, os sentidos que serão desvelados poderão possibilitar uma nova forma de olhar para as questões de gênero e sexualidade, de maneira que aqueles que testemunharem essas vivências possam refletir acerca do olhar que comumente se tem para estas questões, e se este passa por uma normatização. É importante apontar que a forma com que a compreensão se dará para as testemunhas ocorrerá de forma singular; assim, não se espera que todos cheguem a um consenso de como lidar com esta temática a partir do que aqui for desvelado. O intuito é apenas poder tematizar esta questão, desvelar os sentidos existentes acerca dela, testemunhar sua veracidade e permitir que todos - incluindo aqueles que compreendiam a questão a partir de sentidos sedimentados - possam ampliar suas formas de compreensão acerca dela.

É importante entender também que assim como uma repetição de testemunhos pode dar realidade ao que foi desvelado, através deles alguém também pode desacreditar de algo que lhe fora revelado. O caráter de “realidade” - assim como sua

negação - depende, portanto, de outros. Esta é uma compreensão importante de se ter em vista ao tentar entender a qual lugar foram relegadas certas formas de compreensão de gênero e sexualidade cujo caráter de realidade foi negado por saírem dos padrões normativos, tal como apontado nos capítulos anteriores. Entende-se que:

Se o testemunho do outro é sempre contrário ou contraditório em relação ao que o eu vê, pensa, sente, imagina, quer, sua estrutura existencial e de identidade ficam totalmente abaladas. Ainda mais quando esse outro já entra na vida do eu como alguém revestido de autoridade (como no caso dos pais em relação à criança). (CRITELLI, 2006, p.90)

Reafirma-se aqui, portanto, que experiências que não sejam concebidas enquanto dignas na esfera pública ganham caráter de patologia ou anormalidade, o que faz com que essa experiência possa ser banida da vida pública sem que os envolvidos sintam-se culpados. Critelli (2006) identifica a homossexualidade como sendo uma dessas experiências:

(...) cria-se uma *verdade* para essas situações - como a identificação da patologia, da anormalidade, da criminalidade - que permita a todos, sem culpa, banir tais acontecimentos ou fenômenos para fora da esfera da vida pública, relegando-os ao domínio do privado. É o que as sociedades fazem com a homossexualidade, com a loucura, com a pobreza, com a feiúra, com a deficiência física e/ou mental, com a negritude... (p. 93-94)

Por fim, faz parte também desse processo acolher o testemunho do outro. Critelli traz como exemplo o acolhimento de uma dimensão de desprezo presente no testemunho de outro, e o não acolhimento do testemunho que ocorre de maneira diferente. É necessária, portanto, uma autenticação final de cada um em sua singularidade daquilo que foi desvelado, revelado, testemunhado e veracizado (CRITELLI, 2006). Esta autenticação também poderá se dar ou não com cada um dos leitores desta pesquisa.

## 6.2 Recursos instrumentais

Neste método de pesquisa, a interrogação é mais importante do que o instrumental utilizado para proceder a investigação. Os recursos instrumentais devem ser os que servem ao intuito da interrogação. Faz-se importante ressaltar aqui que diversas pesquisas, sob uma compreensão moderna da investigação, subordinam-se ao instrumental por acreditarem que apenas assim irão ao encontro do que se deseja saber

(CRITELLI, 2006). Isto ocorre em pesquisas que tenham por intuito mensurar fenômenos estudados pelas ciências naturais; no entanto, nas interrogações acerca de questões humanas, o investigar deve ser orientado pelo estar-sendo-no-mundo do homem, e o recurso instrumental deve apenas ir de encontro a isto. Ainda de acordo com Critelli (2006), o que se quer saber e o modo como se interroga é o que determina a metodologia de investigação fenomenológica, e não o regramento do proceder.

Desta forma, o recurso instrumental que será utilizado é aquele que vai ao encontro do que se quer saber através desta pesquisa, do fenômeno das experiências acerca de gênero e sexualidade. A linguagem aparece primeiramente como uma forma de ir ao encontro das experiências, de conservar e comunicar o que foi desocultado (CRITELLI, 2006; DUTRA, 2002). Entende-se também a linguagem como fundamentada no caráter de abertura do *Dasein* (HEIDEGGER, 2015), assim como no caráter de relação, sendo uma das formas pelas quais se dá o *ser-com*, termo heideggeriano que caracteriza o modo de ser do *Dasein* junto a outros *Dasein*. Isto porque a linguagem é a forma de comunicar a experiência a outros (DUTRA, 2002). A partir disso, compreende-se que formas de transmissão do vivido através da linguagem seriam recursos instrumentais adequados para se compreender a experiência de seres humanos. Dutra (2002) propõe, a partir do entendimento da importância da linguagem, a narrativa enquanto recurso que permite uma aproximação das experiências daquele que narra a partir dos sentidos que este atribui a elas:

(...) podemos pensar a narrativa e a sua ênfase na experiência, como uma das formas através da qual o ser-no-mundo exercita a sua compreensibilidade. À medida que o narrador conta a sua história, esta carrega consigo os significados que constituem o seu estar-no-mundo, cujo ser-aí se revela e se encobre nas palavras, principal articuladora da sua compreensão num modo de existência. (p. 375)

Assim como a linguagem e a narrativa possibilitam o encontro do outro, ela também permite, conforme expresso no tópico anterior, marcar o vir-a-ser tanto daquele que narra sua experiência quanto daquele que a escuta, caracterizando uma transformação de ambos (CRITELLI, 2006; DUTRA, 2002). Isso aponta uma mudança não apenas naqueles que terão acesso à narrativa através da leitura da pesquisa, mas também uma alteração na própria pesquisadora, através de sua escuta. De acordo com Dutra (2002), esta forma de compreensão é também diferente dos moldes de pesquisa científica tradicional, em que há um sujeito pesquisador imparcial que conhece o objeto da pesquisa. Neste modelo fenomenológico, a escuta permite que o fenômeno se vele e

se revele, e conforme o pesquisador testemunha o que se revelou, transforma-se junto a isso.

Uma das formas de colher narrativas é a entrevista, escolhida portanto como recurso instrumental. Seu formato foi o de entrevista aberta, em que os participantes relataram suas vivências a partir da pergunta disparadora de como compreendiam gênero e sexualidade em sua vida.

Após as entrevistas, as narrativas foram comentadas a partir dos sentidos que se mostraram na experiência através do relato, conforme propõe Dutra (2002), e de acordo com a compreensão de ser fenomenológica. Foi feita uma hermenêutica dos sentidos presentes nas narrativas, desvelando-os. A hermenêutica heideggeriana caracteriza-se por um olhar compreensivo para um fenômeno que se atém a sua base pré-teórica, a uma totalidade de sentidos que se revela, tal como afirma Seibt (2012). O autor pontua que o compreender hermenêutico acompanha o acontecer como se dá. Ele se coloca contrário a uma postura teórica que interrompe esse acontecer para analisá-lo a partir de uma parte, ou que entende um fenômeno como um objeto simplesmente dado. Esta postura compreende que apreendemos fenômenos sempre a partir de um contexto remissivo. A hermenêutica compreende os entes tal como eles aparecem na abertura que é o ser-aí. Assim, é possível entender a relevância da hermenêutica heideggeriana em um método de pesquisa fenomenológico:

É oportuno destacar a relevância desse aspecto da hermenêutica heideggeriana no que se refere à pesquisa científica. Fundamenta uma práxis que ao mesmo tempo em que busca alcançar a experiência vivida, possibilita, numa outra dimensão, o encontro da verdade do ser que se desvela na linguagem. (DUTRA, 2002, p. 375)

### **6.3 Procedimentos utilizados**

Assim, as entrevistas foram o instrumento escolhido para possibilitar desvelar sentidos existentes nas experiências não normativas relacionadas a gênero e sexualidade, estas que tiveram seu caráter de realidade frequentemente negado pela compreensão controladora do fenômeno. Este desvelar e o testemunho que se dará através desta pesquisa poderão, portanto, contribuir para o movimento de realização de experiências não-normativas.

A chamada para as entrevistas foi realizada em um grupo de mídia social de um coletivo LGBT de uma universidade particular de São Paulo através do seguinte texto:

“Olá! Meu nome é Clara, sou estudante de psicologia do quinto ano da PUC-SP, e estou realizando uma pesquisa sobre gênero e sexualidade. Por isso, gostaria de conversar com algumas pessoas pra conhecer e entender como foram as suas experiências com o próprio gênero e sexualidade ao longo de sua vida. Os únicos critérios de participação são querer relatar algum tipo de experiência não hegemônica relacionada a gênero e sexualidade, considerada não normativa em nossa sociedade, e ter idade maior ou igual a dezoito anos. Será garantido sigilo e todos os cuidados éticos que envolvem o estudo de um tema tão delicado e complexo. Caso tenha interesse em participar, entre em contato!” .

O grupo do coletivo foi escolhido para a divulgação da pesquisa porque seus participantes estão engajados na temática abordada e tem o coletivo enquanto local de respaldo para tratar dela caso muitos conteúdos sejam mobilizados. Foi também escolhido devido aos únicos critérios para a participação da pesquisa serem que os participantes fossem maiores de dezoito anos e quisessem relatar algum tipo de experiência relacionada a gênero e sexualidade considerada não normativa em nossa sociedade ocidental atual.

As entrevistas foram realizadas com duas pessoas que se voluntariaram a participar após responderem a comunicação realizada através do grupo do coletivo. Foram entrevistas abertas, nas quais os participantes responderam a pergunta ampla “Como você compreende gênero e sexualidade na sua vida?”, falando sobre gênero e sexualidade ao longo do tempo, em diversos espaços e na relação com pessoas e consigo mesmo. O espaço utilizado para realização das entrevistas foi a Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic, da PUC- SP, devido esse espaço favorecer o sigilo e os cuidados éticos necessários para a condução destas. Estes cuidados éticos foram garantidos e resguardados através da aprovação de comissão de ética, cujo parecer é número 3.015.871, assim como através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido anteriormente à realização das entrevistas, que duraram cerca de duas horas cada. As narrativas elaboradas pelos participantes foram gravadas, transcritas e literalizadas, de acordo com o que é proposto por Dutra (2002), e posteriormente analisadas de acordo com o método descrito por Davi e Bruns (2015):

(...) processo da análise fenomenológica que, segundo Bruns (2007), ocorre em quatro momentos. O primeiro momento caracteriza-se pela transcrição das entrevistas e leitura ampla de todas as descrições, do início ao fim, com o objetivo de apreender o sentido geral do fenômeno estudado. O segundo momento é marcado pela intenção de caminhar para a elaboração da

discriminação das unidades de significado, as quais são extraídas após a releitura de cada depoimento, tendo em vista que não existem por si mesmas, mas somente em relação à interrogação que o pesquisador dirige ao fenômeno. O terceiro momento diferencia-se pelo seguinte aspecto: após a obtenção das unidades de significado, o pesquisador busca agrupá-las em temas ou categorias que expressam o insight psicológico nelas contido; ou seja, é a transformação da linguagem coloquial da entrevistada no discurso psicológico. Nesta etapa, cabe ao pesquisador escolher a abordagem teórica que utilizará para analisar o fenômeno. O quarto e último momento baseia-se na integração dos insights contidos em todas as unidades de significado, as quais podem ser agrupadas em temas ou categorias em função das convergências e/ou divergências dos significados atribuídos pelas informantes e que constituem os aspectos essenciais da estrutura compreensiva geral do fenômeno em questão. (p. 525-526)

## 7 ENTREVISTAS

Primeiramente os participantes serão apresentados de acordo com o que falaram sobre si mesmos nas entrevistas. Seus nomes foram trocados e informações específicas, como, por exemplo, nomes de suas faculdades, foram ocultadas com o intuito de preservar o sigilo dos participantes. Após a apresentação de cada um, serão abordados os “núcleos de sentido” presentes em ambas as narrativas.

### 7.1 Daniel

Daniel é um homem trans de cerca de 20 anos. Nasceu biologicamente com o sexo feminino, mas nunca se identificou com tal gênero, tendo dito se sentir um menino durante toda sua vida. Durante a pré-adolescência, quando ainda era identificado pela sociedade de acordo com o sexo biológico com o qual nasceu, “saiu do armário” (expressão que utiliza para afirmar que assumiu uma orientação sexual) para os colegas de escola como uma menina lésbica, por ter interesse sexual em mulheres. Daniel contou que, na época, isso não foi uma questão nem para si, nem para os amigos e colegas de escola, porque se identificava com seus amigos meninos, e estes gostavam de meninas. Isto só se tornou um problema para seus pais quando se assumiu para eles alguns anos depois, mas estes vieram a aceitar após um tempo. Mesmo ao se assumir, Daniel foi percebendo com o tempo que não se identificava realmente como uma mulher lésbica, e começou a entender que havia algo de diferente durante sua puberdade, sem conseguir nomear, no entanto.

Aos 17 anos compreendeu que existiam pessoas trans através de canais no youtube, e assim deu início a um processo de mudanças para se aproximar do gênero com o qual se identificava, passando a pedir para ser tratado como homem e, posteriormente, tomando testosterona com o acompanhamento de endocrinologista, processo iniciado cerca de um ano antes da realização da entrevista. Ao longo de todo seu processo de identificação com o gênero masculino teve ajuda de uma amiga em quem confiava muito e com quem se aconselhava. Relatou também a importância dos atendimentos que passou a fazer com um psicólogo e com um psiquiatra. Estes atendimentos lhe foram essenciais porque o processo de aceitação como uma pessoa trans do gênero masculino envolveu grande sofrimento, com momentos em que ele não saía de casa por não saber como as pessoas o veriam na rua. No momento da entrevista,

já percebia mudanças em seu corpo devido à terapia hormonal. Daniel afirmou que uma de suas maiores alegrias era ser reconhecido como um homem.

Quando se abriu com seus pais sobre seu gênero, estes aceitaram melhor do que quando “saíra do armário” por ser uma mulher lésbica, chegando mesmo a dizer que o ajudariam no que fosse necessário devido a ele estar visivelmente sofrendo. Daniel considerou ser privilegiado por ter conseguido aceitar ser um homem trans sem a pressão de outros, podendo o fazer em seu tempo. Entende que parte deste privilégio está também em ser branco e de classe média-alta, e que isto poderia ter sido diferente em outros contextos sociais.

Daniel considera importante se envolver em militância LGBT, pontuando que esta ainda está no início. Milita reivindicando causas LGBT no espaço de sua faculdade, que ele considera difícil, por estar em um curso bastante conservador. Ele apresenta o exemplo de ter sido chamado de Daniela por um professor quando ainda estava no início de sua terapia hormonal, situação em relação a qual se posicionou, exigindo ser chamado de Daniel. Milita também informando pessoas, tanto através de mídias sociais quanto de diálogos com amigos que se mostrem machistas ou LGBT fóbicos. Por fim, outro meio em que milita é o do futebol, tendo já conquistado que regulamentassem a participação de pessoas trans em competições esportivas das quais participa. Diz também perceber esse “meio do futebol” como bastante machista; pontua que entende agora o machismo por outro lado, e se policia bastante para não oprimir mulheres. Questiona também suas amigas para entender como lidar da melhor forma ao presenciar situações machistas enquanto homem, para não silenciar a voz das mulheres.

Sobre relacionamentos, Daniel identifica-se como demissexual, ou seja, uma pessoa que se relaciona sexualmente com outras apenas se há uma conexão de amizade ou intelectual, o que pauta a sua forma de se relacionar. Além disso, o preconceito com pessoas transsexuais altera a forma pela qual se relaciona, porque acontece das pessoas em sua grande maioria parecerem se decepcionar ao saber que ele é transsexual, ou fetichizarem seu corpo, ou ainda ficarem com ele por um status de “ser desconstruído por estar com uma pessoa trans”. Daniel diz que isso faz com que, muitas vezes, acabe sendo uma pessoa grossa com os outros, por não saber as verdadeiras intenções destas com ele. Diz também ter medo que o julguem, em relacionamentos amorosos ou em outros contextos.

## 7.2 Fernando

Fernando é um jovem gay de cerca de 20 anos. Contou que sempre se reconheceu como homem, mas que chegou a questionar isso em sua infância quando colegas de sala diziam que ele parecia uma mulher. Conforme o tempo foi passando, entendeu que sempre se reconheceu como um homem, independentemente de sua orientação sexual. Entende que seus colegas de sala traziam para o cotidiano formas de entender a homossexualidade a partir do que pais e igreja ensinavam, e acabavam sendo preconceituosos sem ao menos se dar conta disso.

Fernando estudou a maior parte de sua vida em uma mesma escola. Em seu ensino fundamental não se falava sobre orientação sexual; isto só começou a ser pautado a partir do colegial, época em que começou a se abrir, apesar de relatar ter sido difícil por perceber preconceito forte por parte dos seus colegas. Compartilhou pela primeira vez que era gay para alguns colegas de sala aos 14 anos. Alguns aceitaram bem, outros tiveram dificuldades com isso que duraram anos. Um pouco antes desta época falava bobagens sobre gays e tentava agir como “machão”, para que não desconfiassem. Mesmo após contar para alguns colegas, Fernando começou a fazer diversas atividades e trabalhos voluntários, passou a ler muitos livros e buscar muitas informações, aprendendo coisas sobre diversos assuntos porque queria ser visto por algo além de ser gay.

Ao chegar aos 16 anos ficou muito mal, não conseguindo fazer nada, tendo dificuldades para levantar da cama, por exemplo. Acabou contando para seus pais que era gay, caracterizando esse momento como o pior e o melhor da sua vida. Tentou prepará-los para isso anteriormente através de alguns comentários. Isto funcionou com sua mãe, mas não com seu pai, para quem a existência de pessoas gays não era considerada, nem sequer tida como possível. Quando Fernando realmente contou para seus pais, eles inicialmente quiseram expulsá-lo de casa, e seu pai chegou a ofendê-lo, algo que nunca antes havia feito. Esta situação acabou melhorando ao longo do tempo. Seu pai tem tido maior contato com pessoas LGBT em seu emprego, de forma que Fernando considera que ele pode acabar por mudar sua compreensão acerca dessa questão. Mesmo assim, ele ainda não consegue falar com seus pais sobre qualquer coisa relacionada à sua sexualidade, inclusive sobre namorar. Entende que seu pai tem dificuldade em aceitar coisas diferentes, que saiam do padrão. Fernando não contou para pessoas que não quer que saibam, por achar que isso apenas lhe daria dor de cabeça,

assim como não demonstra sua orientação sexual em determinados locais pela mesma razão. Contou para alguns outros familiares que, apesar de mais distantes e mais velhos, reagiram melhor que seus pais. Tem uma irmã mais nova que tem demonstrado interesse por questões LGBT, mas com quem ele não fala sobre o assunto, por ela ser muito fechada.

Ao entrar no cursinho após a escola, Fernando começou a se abrir mais em relação a sua sexualidade, inclusive utilizando aplicativos de relacionamento. Conta que estes possibilitaram que conhecesse muitas pessoas e que fosse a diversos locais da cidade e de cidades próximas. Após o cursinho, Fernando entrou na faculdade, ambiente no qual percebe que as pessoas são mais respeitosas do que eram em seu colégio, mas no qual há também um preconceito que acaba por ser velado, porque as pessoas podem ser repreendidas caso demonstrem ser machistas, homofóbicas, e/ ou racistas em determinados contextos. Apesar de perceber a faculdade como um ambiente mais respeitoso, não se sente confortável para beijar pessoas em seus espaços por considerar que existem alunos que poderiam fazer algo contra ele. Contudo, diz notar que mesmo sem que faça nada, alguns grupos riem e falam coisas sobre ele devido a sua orientação sexual.

Uma questão que marca a narrativa de Fernando é a importância do carinho com que lhe tratam, principalmente em relação a ser cumprimentado com beijos e abraços. Fernando entendeu durante muito tempo que ser cumprimentado desta forma era um sinal de que as pessoas seriam respeitosas com sua orientação sexual, principalmente devido a homens heterossexuais muitas vezes terem problemas de fazer isso entre si, mas também, em alguns casos, especialmente com ele, por ser gay. Compreendeu posteriormente que uma coisa não implicava na outra, notando que existiam pessoas carinhosas que viravam a cara ao descobrirem sua orientação sexual e pessoas que não gostavam desse tipo de atitude carinhosa, mas que o protegiam quando necessário. Fernando também entende que existem pessoas que dizem ser respeitosas com gays, mas que acabam sendo hipócritas por não fazerem nada para defendê-los, não se importando de fato. Conta também que teve colegas que aceitaram sua orientação sexual inicialmente, mas que mudaram após passarem a seguir uma determinada religião. Nesse sentido, ele sente uma dificuldade de entender o que os outros realmente pensam. Passou a preferir ficar mais solitário do que em um ambiente falso, a se fechar para evitar incômodos, e a preferir amizades mais sinceras, em que sabe com quem está lidando. Fernando relata não se sentir apoiado externamente, nem por sua família ou

pela maioria de amigos, que são heterossexuais, nem pelo que denomina de mundo LGBT, por se perceber como diferente de pessoas que conhece que militam pela causa.

### 7.3 Núcleos de sentido

Através do processo apresentado ao início do capítulo, foram identificados núcleos de sentido presentes nas narrativas de Daniel e Fernando que apontam para uma compreensão do fenômeno. É importante novamente afirmar que essas compreensões não indicam um sentido único existente nas vivências, como seria desejado de acordo com modelos de pesquisa baseados em uma compreensão metafísica do ser humano, e sim apontam a existência de um horizonte de sentidos historicamente constituído. Evidenciar estes núcleos de sentido é uma forma de desvelar essas formas de compreensão de gênero e sexualidade não normativas e, através de seu testemunho, permitir que se constituam também enquanto realidade, conforme explicitado na metodologia.

Assim, serão identificados núcleos de sentido presentes nas narrativas de Daniel e Fernando, nomeados em sua maioria a partir de falas literais dos entrevistados. Os núcleos encontrados foram “Saber os termos mudou muito minha vida”; “Não é uma questão de escolha”, “Associação de identidade de gênero e orientação sexual à características biológicas; “Todo dia eu preciso provar pra alguém que eu sou igual a ele”, “Foi na terapia que eu comecei a me entender melhor” e “Machismo e patriarcado”. O primeiro aborda a questão de se perceber como pertencente a uma categoria identitária. O segundo núcleo de sentidos diz respeito a impossibilidade de escolher uma identidade de gênero ou orientação sexual. O terceiro diz respeito à associação feita entre determinados órgãos, identidade de gênero e orientação sexual, e às implicações normativas geradas por essa associação. O quarto núcleo trata de uma parte do preconceito sofrido por pessoas LGBT: serem compreendidos como inferiores. O quinto núcleo aborda a relevância da terapia, assim como quais são as características importantes de estarem presentes em um processo psicoterapêutico. Por fim, o sexto e último núcleo de sentidos encontrado diz respeito a como os entrevistados percebem a temática do machismo e do patriarcado.

### 7.3.1 “Saber os termos mudou muito minha vida”

Daniel, em diversos momentos de sua narrativa, trouxe a relevância de ter se reconhecido como um homem trans, algo que denominou como “sair do armário”. Este momento é caracterizado por ele como tendo sido importante por permitir que se percebesse enquanto parte de um grupo constituído por pessoas que se consideravam pertencentes a uma categoria identitária, “trans”:

(...) eu sai do armário de novo em junho e desde então as coisas foram caminhando melhor e aí foi... Só melhorou minha vida. (Daniel)

Aí quando eu sai ano passado foi muito diferente, foi realmente o que as outras pessoas falavam, que tirou um peso das costas, que foi uma liberdade, que agora sim eu sou quem eu sou, ai fez sentido. (Daniel)

Fez uma diferença enorme, porque eu me senti parte de um grupo que mesmo que pequeno existia, porque antes eu me sentia totalmente invisibilizado, achava que eu era um caso único no mundo e que ninguém ia me ajudar, que ia ser... Eu ia viver daquele jeito pra sempre, que não tinha como melhorar e que minha vida não tinha mais salvação. Então saber os termos, saber que tem como, tem gente que conhece disso e pode ajudar nessas... Com pessoas trans, mudou muito minha vida, tipo, comecei a ter esperança de que podia melhorar e que eu podia ser quem eu realmente sou. (Daniel)

Este momento de se entender como parte de um grupo, pertencendo a uma categoria identitária, mostra-se então como extremamente relevante, e podemos compreendê-lo a partir da fenomenologia heideggeriana. Torna-se importante retomar, portanto, que o Dasein é um ser aberto, sem nenhuma determinação prévia (POMPEIA; SAPIENZA, 2011). Ocorre, no entanto, que o Dasein vê-se desde o início jogado e absorvido no mundo enquanto campo existencial marcado por historicidade, este que retira o ser-aí de sua indeterminação ontológica e faz com que ele já assuma a responsabilidade por seu ser, de acordo com o que é explicitado por Casanova (2017A). O mesmo autor pontua que esta é a razão da opção pelo termo Dasein, ser-aí: não é possível alcançar nenhuma determinação de ser sem o aí, sem o mundo. Casanova (2017A) ainda aponta que essa absorção em um horizonte histórico de possibilidades faz com o que o Dasein perca seu caráter de indeterminação originária e conquiste familiaridade realizando-se nas possibilidades sedimentadas do mundo, perdendo-se de si e tornando-se impróprio.

Assim, reconhecer-se de acordo com qualquer identidade de gênero ou orientação sexual, nomeando-as, é uma forma de estar perpassado por um horizonte de sentidos histórico, ou seja, de estar no mundo, porque este que permite a constituição de

identidades. Do contrário, o ser-aí, não tendo nada para o tirar de sua indeterminação, não poderia se delimitar de forma alguma. Desta forma, as identidades LGBT também se constituem enquanto tal em um horizonte de sentidos históricos, e ao se constituírem enquanto identidade podem também causar restrição. Neste sentido, Facchini e França (2009), conforme já abordado no capítulo “Sobre o movimento LGBT”, propõem a importância de se compreender este movimento como capaz de abarcar transformações, de entender as identidades de gênero e orientações sexuais a partir de um caráter histórico, e não essencial. As autoras propõem que a utilização destas identidades sirva para a constituição de movimentos e reivindicações políticas. Neste sentido, pode-se pensar, por exemplo, a importância da identificação deste grupo na construção de políticas públicas que visem a equanimidade: torna-se importante nomear quem pertence ao movimento LGBT para permitir o desenvolvimento de políticas públicas que permitam combater a desigualdade a qual este grupo tem sido historicamente submetido. Ainda outro sentido, este presente no relato de Daniel, aponta para a importância da construção de categorias identitárias LGBT, no entanto: o de possibilitar a existência de uma forma de inteligibilidade que permitiu que o entrevistado se compreendesse a partir de algo que não a oposição à norma. Este sentido foi trazido a luz no último trecho de relato trazido, em que Daniel pontua a importância de se perceber como não estando sozinho, colocando-a como sua esperança de melhora de sua vida. Isto também aparece no seguinte trecho:

Eu ia buscar muita informação na internet, então via que tinham pessoas iguais a mim, isso foi muito importante pra ver que eu não to sozinho, que eu não sou um problema, que eu não sou uma aberração, então eu acompanhei canais de youtubers trans tipo Mandy Candy, o Lucca do TransDiário e... Foi por causa disso que eu consegui me aceitar muito bem, porque eu vi que era algo normal. (Daniel)

O uso das palavras “aberração” e “problema” apontam que o existir no mundo tal como ele se dá na atualidade gerou sofrimento para Daniel à medida em que, ao criar categorias identitárias rígidas, excluiu de qualquer possível pertencimento todos aqueles que não se enquadram nestas, fazendo com que estas pessoas passassem a habitar um não-lugar, ou o lugar da “aberração”, da patologia. Assim, a absorção do ser-aí no horizonte histórico de sentidos sedimentados somente gera problemas relativos ao âmbito de gênero e sexualidade à medida em que uma pessoa passa ser convocada a corresponder a sentidos normativos identitários rígidos e excludentes. Este sofrimento pode ser visto na narrativa de Daniel:

Eu tava desesperado, não saia mais de casa nem pra ir pra aula, tipo, não conseguia fazer nada (...) (Daniel)

Mas foi um tanto quanto difícil, porque eu me privava de sair com os meus amigos, de ir pra faculdade... Ano passado até eu meio que abandonei a faculdade, porque eu não conseguia sair de casa, porque eu tinha medo de como as pessoas iam me ver e porque eu não tava com psicológico pra isso, não conseguia frequentar nada não. (Daniel)

Fernando também relatou sofrimento, em seu caso por não corresponder à expectativa de que homens apenas relacionam-se sexualmente com mulheres:

Aí quando eu tinha 16 anos cheguei em um nível que eu não conseguia fazer nada (...) eu quase espanava, tava morrendo por dentro, não queria levantar da cama, tava muito difícil. Aí cheguei um dia e contei pros meus pais, aí foi a pior coisa que aconteceu na minha vida, mas a melhor ao mesmo tempo.(Fernando)

É possível concluir, portanto, que não seria qualquer categoria identitária que traria sofrimento para Daniel ou Fernando. O intenso sofrimento relatado por ambos se desvela como estando relacionado a não ter nenhuma outra forma de se compreender além da normativa, porque tudo que não se enquadra no padrão heterossexual e cisgênero acaba por ser cotidianamente compreendido como “problema” ou “aberração”, utilizando palavras de acordo com a narrativa de Daniel. A aproximação em relação às identidades LGBT ocorreu de forma diferente para Fernando, no entanto. Em seu relato, afirma não se identificar com o movimento LGBT, nem com sua família e amigos heterossexuais:

Seriam por exemplo ou você pegar o lado familiar, o lado dos amigos que você tem que são héteros, que são a maioria, ou você pegar por exemplo o mundo LGBT, que me parece também muito que é muito pesado. E aí você fica em uma coisa um pouco assim, sem sentir muito apoiado. (...) depender do apoio externo foi uma coisa que foi muito difícil ao longo dos anos. (Fernando)

Apresenta-se aqui outra faceta da questão da identidade: a de não se reconhecer mesmo dentro das categorias criadas para resistir politicamente à normatividade, e perceber-se sem apoio em nenhuma outra identificação, sem poder “depende do apoio externo”. Compreende-se, portanto, a partir de tudo que foi desvelado neste item, que apesar da importância da criação de categorias identitárias que permitam pensar gênero e sexualidade de outra maneira que não a cisgênero e heteronormativa, estas nunca poderão conter todas as formas de manifestação deste fenômeno, devido ao ser-aí ser

aberto em possibilidades. É necessário, portanto, retornar eventualmente para o caráter de indeterminação originária do ser, para não se cair em outras normativas que gerem sofrimento para aqueles que nelas não se enquadrem.

### 7.3.2 “Não é uma questão de escolha.”

Uma afirmação presente tanto na narrativa de Daniel, quanto na de Fernando, refere-se a orientação sexual e identidade de gênero não serem uma questão de escolha:

Sempre teve sinais, não foi algo que eu escolhi, que eu escolhi tipo do dia pra noite (...) (Daniel)

Eu ouço muita gente falar que isso é um ato político, mistura um pouco as coisas. Mas não é um ato político porque não é uma questão de escolha. Pra mim não tem como você escolher “Ah, eu quero ficar com mulher ou ficar com homem”, não tem como, sabe? (...) É que nem escolher de quem gostar, não tem como. As coisas simplesmente acontecem. Então nesse aspecto também acho que existe um pouco uma confusão também e acaba gerando um pouco de preconceito também, porque como fala “Ah, é ato político”, as pessoas falam “Tá vendo, é opção, não é orientação sexual”, sabe? (Fernando)

Fernando ainda destaca que entender orientação sexual ou identidade de gênero como uma escolha pode levar à preconceitos, ao indiretamente indicar que a pessoa poderia escolher algo diferente, e poderia, portanto, escolher ser heterossexual, caso desejasse. A compreensão de como escolhas são feitas está intimamente relacionada com o que se entende por liberdade. Muitos a concebem como livre-arbítrio, como um poder escolher livre de qualquer determinação. Esta forma de entender liberdade é condizente com a ideia de que as pessoas poderiam escolher sua identidade de gênero e orientação sexual livres de qualquer determinação, o que é criticado por ambos os participantes. Não é também a compreensão daseinsanalítica de liberdade, nem de escolha.

De acordo com Pompeia e Sapienza (2011), na perspectiva daseinsanalítica, compreende-se que o Dasein é ontologicamente indeterminado; isto não significa, porém, que o ser-aí vive sem nenhuma determinação e pode fazer o que desejar. Se assim o fosse, conforme Casanova (2017A) aponta, o ser-aí não teria critérios para assumir qualquer modo de ser, e assim seria condenado à sua indeterminação. Não conseguiria ser de qualquer modo, por não possuir nenhuma orientação prévia que o possibilitasse. A absorção logo de início no mundo, conforme anteriormente apontado, é

o que possibilita que o ser-aí possa assumir modos de ser. Assim, uma pessoa logo de início se vê em um horizonte de sentidos sedimentados, no qual faz parte entender gênero e sexualidade a partir de normas e exclusões, e é a partir desse horizonte que esta pessoa escolhe. Neste sentido é que se pode compreender, assim como o fazem Daniel e Fernando, como uma pessoa não escolhe sua identidade de gênero e orientação sexual livremente.

Há ainda, no entanto, um acréscimo importante a ser feito. Entende-se também que o Dasein é convocado pelo mundo, algo nele apela. O Dasein pode responder a este algo que apela acolhendo-o ou não, no entanto (POMPEIA; SAPIENZA, 2011). Não se escolhe o que convoca: esta é outra forma de compreender que não se escolhe uma identidade de gênero ou orientação sexual. É necessário, porém, escolher acolher ou não o que apela. Essa escolha, porém, é necessária: toda vez que uma escolha é colocada como possibilidade, a pessoa é obrigada a escolher, mesmo que isso signifique escolher não escolher, tal como pontuam Pompeia e Sapienza (2011).

Aqui temos um dilema trazido à luz também nas narrativas de Fernando e Daniel: pode-se não acolher ao apelo de se relacionar ou se identificar de maneira contrária a esperada pela sociedade. Há também a possibilidade trazida pelos relatos de se acolher a convocação de se relacionar sexualmente ou se identificar com um gênero de maneiras não padronizadas, mas de manter isso escondido em determinados contextos. Isto é algo que ocorre muito frequentemente, devido às dificuldades de se assumir em um mundo normativo e violento em relação àqueles que saem da norma. Fernando traz a dificuldade de se assumir gay em determinadas circunstâncias, devido a ter medo da violência que pode sofrer:

(...) atualmente tô usando aplicativos com foto de rosto, pra mim foi uma liberdade também conseguir colocar, mas ao mesmo tempo sempre fica com esse receio. Pode acontecer também alguma coisa do tipo, ou alguém que eu não quero que fique sabendo fique sabendo... Enfim, uma série de coisas. Porque às vezes eu percebo também, as vezes que eu voltei a usar os aplicativos que eu abri, sei lá, na faculdade, eu percebi, por exemplo, às vezes, grupos mais..., moleques, rindo num canto... Porque eu sei que tem algumas pessoas que não são do grupo, mas tem os aplicativos pra ver quem que é também, algumas coisas assim meio complicadas. Ou até pessoas desses grupos neonazistas muitas vezes usam esses aplicativos pra tentar fazer alguma coisa com gays, alguns colegas já me contaram algumas histórias assim. Eu tenho um colega que mora em Minas que contou que o pessoal da atlética da faculdade dele quase tentou matar ele, por sorte que uma professora da faculdade entrevistou. Porque eles iam colocar ele num portamala, levar ele pra algum lugar, dar um fim nele, mas aí sorte que uma professora da universidade que ele estuda entrevistou nisso. Ela viu, tal, só que aí também não conseguiu fazer processo, não conseguiu dar em nada porque

não tinha provas substanciais pra dar continuidade. Então é uma coisa também que é muito complicada. Quando eles vão fazer alguma coisa, sempre é de uma forma pra não tentar deixar provas. (Fernando)

Percebe-se então que corresponder ao apelo de ser homossexual é, como denomina Fernando, “complicado”. Isso porque assumir-se enquanto homossexual na sociedade em que vivemos significa estar vulnerável para sofrer uma série de violências tais como as que o amigo de Fernando sofreu. O contexto político atual brasileiro aparece como um complicador para Fernando e gerador de insegurança:

Hoje em dia eu também tô um pouco tentando até me desligar, mas eu fico um pouco ansioso com essas mudanças de governo, e tal, porque por mais que fale “Ah, essas secretarias não fazem diferença”, mas elas fazem alguma coisa sim. Então por exemplo, chega um governo que nem o atual que corta muitas coisas, secretaria de direitos humanos, e muita coisa, ou coloca alguém sem noção, isso dá uma interferida na base também. E as pessoas também são manipuladas pelas “grandes mídias” que elas veem, e elas também baseiam seu comportamento igual. Então a partir do momento em que um cara que nem o Bolsonaro, que o cara é presidente, mas fala muitas coisas indecorosas, não tem um comportamento... É, que seria adequado pro cargo que ele tem, por mais que eu não gostasse ele poderia ter uma coisa mais polida, sabe, um outro tipo de comportamento. Isso reflete um pouco na sociedade, começa muitas vezes a repetir esse comportamento. E é uma coisa assim que é uma coisa perigosa, porque... O momento já é inseguro, já é complicado pra tantos lados, mesmo hétero, outras coisas assim, começa a ficar um pouco mais inseguro ainda, porque começa a aparecer essas coisas assim. Então muitos gays que começam a se esconder (...) Ao mesmo tempo a gente tem o problema do legislativo, que tem medo de legislar sobre isso porque tem uma fonte de pessoas muito ricas ou igrejas... Igrejas que eu falo, qualquer tipo de religião que tem um poder aquisitivo muito forte ou tem poder de influência, não quer que seja legislado sobre isso porque eles pregam muitas doutrinações contra... (Fernando)

Assim, todo o contexto social traz insegurança para as pessoas LGBT e faz com que elas, por vezes, escondam que não se enquadram na normatividade imposta pela sociedade, tal como relatam Daniel e Fernando:

Geralmente roda de futebol, eu to sempre discutindo futebol com os caras e tal, e é onde o machismo é bem mais escancarado e LGBTfobia também. Então eu me policio tanto pra não me... É, dar tanta bandeira, porque às vezes tem cara na roda que não sabe que eu sou trans, e eu tenho medo de quem não me conhece poder fazer alguma represália (...) (Daniel)

Porque qualquer lado que você fale alguma coisa muitas vezes pode dar encrenca, pode dar briga, as vezes até gerar violência física. Então é uma coisa assim que traz uma certa insegurança às vezes. E as vezes tem que tomar cuidado, tem lugares que eu fico totalmente livre, tem lugares que as vezes eu não falo nada, não toco no assunto, as pessoas falam de namoro eu finjo que não ouvi, alguma coisa assim. (Fernando)

A insegurança também aparece para Fernando como um aspecto da relação com outras pessoas, ao afirmar ser difícil saber o que as pessoas de fato pensam, algo que afeta seu cotidiano:

(...) você sabe com quem você tá lidando, isso é uma segurança. Então por exemplo, eu já sei por exemplo se falasse assim “Ah, eu odeio gay”, eu poderia tomar cuidado, entendeu? Esse é um aspecto, que nem outro dia eu contei pra eles [colegas da faculdade] que na faculdade mesmo eu não tinha coragem de beijar na boca na frente de todo mundo. As vezes que eu fosse ficar eu ia ficava em um lugar escondido, até no banheiro eu já fui pra dar uns beijos. E aí eles ficaram “Nossa, mas até na faculdade” e eu falei “É, porque...” aí expliquei pra eles entenderem que não é uma coisa assim que é tão tranquila. Porque por mais assim que ah, tudo bem, o ambiente é tranquilo, pode ser que a faculdade não vá fazer nada, mas e os moleques idiota que a faculdade tem? Eles já ficam assim às vezes simplesmente por saberem que eu sou gay, eu já percebo assim que quando junta um grupinho um pessoal fica olhando, fica dando umas risadas, falando umas coisas, imagina se eu começo a dar uns beijos na frente de todo mundo o que pode acontecer. (Fernando)

É possível compreender que há um problema que foi trazido à luz por esses relatos. Pompeia e Sapienza (2011) afirmam que “(...) o fundamento do poder escolher não é a posse, é a renúncia. É que, em primeiro lugar, poder escolher significa estar livre para renunciar.” (p. 22). Ao se escolher algo, se renuncia a todas as outras possibilidades. Ao escolher mostrar-se enquanto LGBT, renuncia-se a uma segurança que pessoas normativas sentem com maior frequência. Todos podem sofrer violência, e a insegurança pode permear a vida de todas as pessoas. Ocorre, porém, que a insegurança sentida por pessoas que identificam seu gênero e sexualidade de maneira não normativa advém também de um contexto histórico, e gera situações que pessoas heterossexuais e cisgêneras dificilmente passam, tal como não poder beijar alguém em público por poder sofrer ataques de violência. É, portanto, uma renúncia que pode ser difícil de ser feita, e muitas pessoas acabam não renunciando à segurança, tal como trazido por Fernando:

Porque antes muitos gays escondiam isso, até casavam, tinham filhos, porque eles simplesmente queriam ser tratados com dignidade. (...) Tudo bem, no Brasil em geral, ainda tá um pouco melhor, mas em muitos lugares, se as pessoas se revelarem elas são até mortas, porque tem pena de morte no país... Ou por exemplo porque elas não vão ser tratadas que nem seres humanos. E isso é uma coisa muito complicada. E a pessoa às vezes não fez nada, a pessoa é super legal, super boa, contribui, mas às vezes por uma coisa assim, as pessoas querem acabar com a pessoa, ou enfim, não vão tratar ela com aquele respeito que ela merece simplesmente por ser um ser humano. E às vezes eu percebo isso, que assim, que as vezes por uma questão de uma

peessoa ter alguma dignidade, isso faz ela esconder, esse tipo de coisa.  
(Fernando)

Neste trecho de sua narrativa, Fernando traz inclusive o preconceito institucionalizado contra pessoas homossexuais para apontar sua compreensão do porquê algumas pessoas escolhem esconder sua orientação sexual: o fazem para não renunciar a serem tratados com dignidade. Isso implica, porém, em renunciar a expressão em público de sua orientação sexual ou de sua identidade de gênero, o que pode gerar sofrimento, tal como ocorreu com Daniel e Fernando conforme explicitado no item “Saber os termos mudou muito minha vida”. Cria-se então um impasse em relação ao qual é importante que seja refletido, e que pode também, mas não somente, ser trabalhado em processo psicoterapêutico.

### **7.3.3 Associação de identidade de gênero e orientação sexual à características biológicas**

A crítica a um modo de “ser homem” e um “ser mulher” que seriam designados de maneira única e fixa por caracteres biológicos foi feita tanto no capítulo “Controle de gênero e da sexualidade a partir da Metafísica” quanto no subcapítulo “Sobre o gênero feminino”. Foi possível compreender, dentre outras coisas, que essa associação acaba por estabelecer dois gêneros, masculino e feminino, circunscrevendo-os aos órgãos genitais com os quais a pessoa nasce e a determinadas características secundárias, tais como seios. Ao fazê-lo, se estabelece também que a pessoa que possui essas características se identificaria com uma série de práticas que seriam naturalmente atribuídas aos gêneros, incluindo relacionar-se sexualmente com pessoas identificadas como pertencentes ao gênero oposto.

Daniel expõe em sua narrativa sua percepção da existência de padrões de gênero impostos pela sociedade e associados à determinadas características biológicas, como as que aparecem durante a puberdade. Relata também o sofrimento por não se identificar com a norma que lhe foi imposta, o que já foi observado no núcleo de sentido “(...) saber os termos (...) mudou muito minha vida”:

Eu fui perceber essas diferenças mais do gênero quando entrou a puberdade e começou a..., as características secundárias começaram a aparecer no meu corpo, e no dos meus amiguinhos não. E aí eu comecei a entender o que tava errado, eu me sentia totalmente fora dos dois grupos e aí eu comecei a entender os padrões de gênero que a sociedade impunha em cima dos

meninos e das meninas. Comecei a entender que não necessariamente você precisava tá em um dos dois pólos, você podia tá entre os dois, só que tipo, isso no entendimento de uma criança de doze anos, não era nada assim como eu to falando, mas eu entendia que tinha alguma coisa acontecendo ali. (Daniel)

Este trecho da narrativa desvela que todos aqueles cujos corpos não correspondem a esse padrão de gênero estabelecido pela sociedade, performando-o de outras formas, acabam por ser marginalizados. Entre esses incluem-se não somente pessoas transsexuais como Daniel, mas também *drag queens*, pessoas não-binárias e até mesmo homens e mulheres cisgêneros que performam seu gênero de formas diferentes da norma estabelecida, como algumas formas de apresentar-se como mulher dentro da comunidade lésbica listadas por Preciado (2017): “(...) a camihoneira, a butch, a machona, a bofinho (...)” (p. 30). Remonta também ao que foi apontado por Preciado, Judith Butler e Simone de Beauvoir, conforme visto no capítulo “Controle do gênero e da sexualidade a partir da Metafísica”: que a associação estrita entre órgãos, gênero e orientação sexual acaba por instaurar uma normatividade política e excludente daqueles que não correspondem a ela. Isto é afirmado por Preciado (2017) no seguinte trecho:

A exclusão de certas relações entre gêneros e sexos, assim como a designação de certas partes do corpo como não-sexuais (mais particularmente o ânus; como Deleuze e Guattari mostraram, “o primeiro de todos os órgãos a ser privatizado, colocado fora do campo social”) são as operações básicas da fixação que naturaliza as práticas que reconhecemos como sexuais. A arquitetura do corpo é política. (p. 31)

Fernando também aponta que teve dificuldade em relação à fixação estabelecida sobre o conjunto órgão-gênero-sexualidade, conforme narra nos trechos abaixo:

Ah, bom, é que é assim, desde pequeno eu sempre me reconheci como homem mesmo, desde que eu nasci, mas ao mesmo tempo eu lembro que tinham algumas pressões sociais dos colegas enchendo o saco, dizendo “Não, mas você parece muito mulher”, umas coisas assim que os colegas ficavam me provocando na escola... (...) Eu me senti um pouco diferente, assim, sabe? Aí depois conforme foi passando o tempo fui reconhecendo não, sabe, eu sou um homem, as pessoas que falavam que não, é “Não, você é gay, você não é homem nem mulher”, tal, mas não. Depois de um tempo eu falei “não, realmente, eu sou um homem, sempre me reconheci como um homem”, sabe, independente disso. (Fernando)

Ah, eu acho que isso é um pouco... Quero dizer, um pouco não, eu acho que isso é errado, né? Em primeiro lugar, porque as pessoas consideram praticamente o gênero da pessoa simplesmente pela orientação sexual, não consideravam atitudes e uma série de outras coisas, sabe? (Fernando)

Fernando revela aqui que foi considerado por colegas de sala como parecido com uma mulher, por gostar de homens. Tendo, porém, características biológicas que o associam ao masculino, ele também não é associado plenamente a uma mulher. Os colegas de sala criaram para ele uma terceira categoria, gay, que não seria homem e nem mulher, e que o diferenciava de todos. Este é um exemplo de como esta determinação de gênero e orientação sexual a partir de determinados atributos biológicos cria exclusão. Assim como Fernando, Daniel também ouviu comentários de pessoas que o separavam de homens e mulheres, criando uma terceira categoria excludente para o encaixar:

E vem uns comentários tipo muito horríveis, é... “Sempre tive curiosidade, vocês parecem ser mais...”, não tem nem palavra, é... “Cês são mais homens, mas são... Ao mesmo tempo tem a parte feminina também? Então cês são meio que um híbrido.” É nesse nível. (Daniel)

Torna-se importante retomar então o trecho da narrativa em que Daniel relata que durante algum tempo se percebeu como excluído, algo que apenas mudou por ter entrado em contato com informações e vídeos de pessoas trans no Youtube:

Eu ia buscar muita informação na internet, então via que tinham pessoas igual a mim, isso foi muito importante pra ver que eu não to sozinho, que eu não sou um problema, que eu não sou uma aberração, então eu acompanhei canais de youtubers trans tipo Mandy Candy, o Lucca do TransDiário e... Foi por causa disso que eu consegui me aceitar muito bem, porque eu vi que era algo normal. Porque se não tivesse visto isso, eu tenho certeza que eu ia ter entrado em uma crise profunda, talvez entrasse em uma depressão maior do que eu já tinha (...) (Daniel)

Daniel aponta aqui que se percebia no lugar de problema e de aberração até compreender que existiam pessoas iguais a ele. Este lugar marca uma objetificação da pessoa LGBT que ocorre por não se submeter a normatividade, pois, tal como apontam Davi e Bruns (2015): “A normalidade se circunscreve a partir da fixação desses territórios onde vivem os corpos que não importam, uma vez que o abjeto é também o não humano.” (p. 529). No entanto, este trecho do relato traz também, conforme visto no item “Saber os termos mudou muito minha vida”, o lugar de importância que a identificação pode ocupar para uma pessoa que sistematicamente se vê desprovida de pertencimento a grupos.

Apesar desses relatos que indicam exclusão, Fernando entende também que a situação está melhorando por já existirem pessoas que não tratam gays como

pertencentes a uma terceira categoria, como no caso em que uma parente sua relatou que morava com três homens, e apenas quando questionada contou que eles eram gays:

Então é uma coisa que eu to percebendo que aos poucos tá se naturalizando, mas por exemplo, ela já não chegou e falou como há uns anos atrás “Moro com três, quatro gays”, não, ela já falou “Moro com três homens.”, então eu tô percebendo que é uma coisa que ta aos poucos melhorando. (Fernando)

Neste caso, gays não são tratados como uma categoria à parte de homens, o que sinaliza para Fernando uma compreensão mais natural da homossexualidade, menos patologizante e excludente, algo que ele tem como ideal:

E a ideia é que aos poucos as coisas vão normalizando, pra não ter essa diferença, esse pressuposto... “Não, todo mundo é hétero, mas se não é hétero tem que se assumir, encarar as consequências...”. Não. Aos poucos tem que ser uma coisa mais natural. (Fernando)

Ainda que ele enxergue uma melhora, a questão ainda está presente, no entanto, na atualidade brasileira, o que se mostra no relato de Daniel sobre a importância que a sociedade atribui ao pênis:

Homens tem aquela famosa insegurança por conta do genital.[...] Então, eu entrava muito em crise por conta disso, falava que eu não era um homem de verdade, e várias crises enormes por conta disso, e ela [uma namorada à época] falava “Não, não tem nada a ver, eu gosto de você do jeito que você é, tem nada a ver o que tem ou deixa de ter entre as pernas, eu gosto de você, da sua figura, do jeito que cê é e é isso.”. Mas mesmo assim eu não conseguia, tipo, entendia o que ela falava, mas não conseguia acreditar, porque pra mim o negócio do genital era algo muito forte, não tinha menor ideia de que você podia é, sei lá, transar do jeito que cê quisesse. Pra mim, era só penetração, essas coisas. E óbvio, a cultura muito falocêntrica que coloca o pênis no meio de tudo, que é “quem tem pênis é rei”. (Daniel)

Aqui Daniel também revela que a valorização do masculino em detrimento do feminino ocorre em relação à uma concepção masculina bem específica e associada a existência de um pênis, sem o qual não se poderia ser homem. Daniel aponta como sua compreensão acerca do assunto mudou:

Ela [namorada à época] conseguiu lidar muito bem com a situação, foi me tranquilizando, e conforme eu fui crescendo e aprendendo as coisas eu realmente percebi que não tem nada a ver e consegui me aceitar com meu corpo assim, então por exemplo, eu não tenho desconforto em não ter um pênis, por exemplo. Sou super de boa. [...] Mas tem gente que se sente desconfortável, pessoas e pessoas. Mas nunca foi... Depois que eu entendi isso, dessa cultura falocêntrica, de endeusar o homem, o pênis, essas coisas, eu falei “Ah, não tem porque eu ter essa nóia, é problema deles, tem outras

peças que vivem sem essa cultura falocêntrica e vivem muito bem, obrigado. Eu posso ser muito bem um deles. (Daniel)

Assim, mesmo com essa normatividade imposta em nossa sociedade, Daniel aponta para uma possibilidade de compreensão de si mesmo, de relação com o próprio corpo e com o próprio gênero de maneira mais livre, o que permitiu a ele a diminuição de seu sofrimento por não se adequar à norma estabelecida.

A associação padrão não é restrita apenas a ter um pênis - ser homem - gostar de mulheres, no entanto. Fernando relata que essa associação estende-se também por vezes a relacionar atividade a masculinidade, e passividade a feminilidade, algo que mesmo homossexuais fazem:

Mesmo entre os gays também existe um certo preconceito, às vezes a pessoa curte dar, comer, então o cara que acha que, ah, só porque ele curte comer, ele que é o macho da relação. Não funciona bem assim, sabe? (Fernando)

Este posicionamento enquanto “macho da relação” recria uma relação pautada em uma polarização masculinidade-feminilidade que pode novamente ser colocada em questionamento. Esta forma de compreender uma relação é pautada em um modelo heterossexual. É possível entendê-la inclusive como uma possível forma de tentar não fugir à norma e conseqüentemente não se configurar como excluído. É, porém, uma saída complexa, justamente por tentar adequar-se a uma norma que por diversas vezes gera sofrimento. Torna-se visível, portanto, a necessidade de colocar em questionamento essa cadeia de associações entre órgão biológico - gênero - relacionar-se com alguém do gênero oposto - atividade/ passividade, por ser possível fonte de sofrimento para aqueles que rompem com algum elo da cadeia.

#### **7.3.4 “Todo dia eu preciso provar pra alguém que eu sou igual a ele.”**

Fernando e Daniel relataram uma conseqüência do preconceito contra pessoas LGBT: sentirem que precisam provar para outros que são tão capazes quanto pessoas heterossexuais.

As pessoas olham como se eu tivesse que provar algo a mais pra elas. É a mesma coisa com mulher, tipo na relação homem-mulher. A sociedade aceita muito mais o homem e a mulher tem sempre que ta trabalhando pra forçar, pra mostrar que ela pode ser sim igual ao homem. O meu caso é a mesma coisa com pessoa cis e trans. Tenho que mostrar todo dia, tenho que lutar

todo dia pra mostrar que eu sou uma pessoa igual a uma pessoa cis, que eu tenho as mesmas capacidades ou posso aprender igual, tenho os mesmos defeitos e qualidades, e... Não sou menos que ninguém por causa disso. É mais ou menos a mesma luta, devidas as proporções, é claro. (Daniel)

Todo dia eu preciso provar pra alguém que eu sou igual a ele. (Daniel)

Fernando situa essa sensação de precisar provar algo a mais, como tendo ocorrido mais intensamente quando tinha 14 anos, época em que estudou muito e se envolveu com diversas atividades e aprendizados. Diz que:

(...) naquela época como eu tava muito pra dentro acho que ficava aquela coisa, querendo mostrar “Não, eu consigo fazer as coisas, eu sou bom.” (Fernando)

Esta se mostra como mais uma faceta possível do preconceito existente contra pessoas LGBT, e que se mostra mais especificamente na narrativa de ambos quando falam sobre empregos:

É uma coisa que anteriormente era muito comum, as pessoas falavam mesmo que os gays eram os melhores profissionais das áreas deles, porque como o cara sofria muito preconceito, ele estudava muito e se tornava praticamente o melhor. Uma forma de se expor, de mostrar além disso. E mesmo assim sofria muito preconceito, mesmo sendo o melhor daquela sua área. Então... E tanto que a gente mesmo não ouve muito falar das pessoas, elas são muito apagadas, hoje em dia isso tá mudando. Até as vezes eu tenho um pouco de medo de repente alguma vaga de emprego...Não me chamarem por causa disso, ou de eu não ter a oportunidade de ascender, de ser maltratado por causa disso, às vezes tenho certos receios. (Fernando)

Tipo, mesmo com meus documentos retificados as pessoas ainda me tratam no feminino e percebem que eu sou uma pessoa trans. E aí fica muito na cara que as pessoas não chamam por conta disso. E eu tô com, com tipo, muita dificuldade pra conseguir um estágio. E claramente é pelo preconceito, e por empresas que se dizem super abertas a diversidade, então... É algo... Eu comecei a procurar estágio esse semestre, mas já tá muito claro que vai ser difícil conseguir algo que eu realmente me sinta acolhido e que as pessoas aceitem, e isso tá me estressando um pouco. (...) mesmo conseguindo estágio vai ter gente na empresa enchendo o saco, sendo escroto, e... Tentando me afrontar. Tenho certeza, porque o ambiente... Eu vejo isso nas salas de aula, com outras pessoas da faculdade. Então... Tenho receio até, meio que de crescer, por conta disso. Medo do que vai ser a minha vida, a minha carreira profissional, porque eu tenho certeza que vai ser um pouco difícil. Mesmo com todos os privilégios que eu tenho. Então... Vai ser uma luta diária, já tá sendo, pra conseguir estágio. Até desanimar muitas vezes de mandar currículo, essas coisas, porque eu sei que as pessoas... Tipo, currículo elas até olham, mas aí quando me chamam elas percebem que é trans e tipo, “Ah, a gente vai ver, a gente vai guardar seu currículo para futuras oportunidades”. (Daniel)

É possível compreender no discurso trazido que a dificuldade de conseguir emprego ou se manter nele por conta da orientação sexual ou identidade de gênero

reflete como as pessoas enxergam LGBTs como pessoas inferiores, incapazes de terem habilidades iguais, algo que já foi evidenciado no item “Associação de identidade de gênero e orientação sexual à características biológicas” ao se pautar que pessoas LGBTs são vistas como pertencentes a uma terceira categoria. Este preconceito e inferiorização acabam por fazer com que eles sintam necessidade de se provar constantemente, para se mostrarem como *pessoas*, e que, como tal, não se resumem a sua orientação sexual e identidade de gênero. Davi e Bruns (2015) abordam essa temática ao afirmar que o preconceito e a falta de suporte social estariam relacionados com as dificuldades enfrentadas pela parcela da população que é homossexual no universo do trabalho:

Rodrigues e Nardi (2009) apontam duas posições ocupadas por jovens homossexuais no mercado de trabalho: a primeira estaria ligada à precariedade da inserção desses jovens no mercado formal, em decorrência da fragilidade dos suportes sociais, restando como alternativa de trabalho para eles o mercado informal, com atividades como entrega de panfletos, bicos e prostituição; a segunda posição é marcada pelo acesso desses jovens ao mercado formal, o qual se constitui a partir de algumas restrições impulsionadas fundamentalmente pela regra heterossexista presente nos contextos de trabalho. (p. 530)

A existência dessas restrições e preconceitos faz com que alguns acabem por esconder sua orientação sexual, tal como o amigo de Fernando faz:

Numa empresa parceira da empresa que ele [amigo] trabalha tinha um cara lá que ele era gerente, ou diretor, não lembro... Ele [amigo] ficou muito feliz de ver alguém que fosse gay com um cargo alto, assumidamente gay, que tinha um namorado e tal, e ele ficou muito feliz com isso, porque ele tinha medo também de estragar um pouco a carreira dele. Tanto que eu perguntei “Mas no ambiente de trabalho alguém sabe?”, ele falou ‘Não, eu to até com uma dificuldade”, tipo, as meninas iam atrás dele, ele não sabia como negar porque tinha medo que as pessoas descobrissem a orientação sexual, essas coisas, e ser demitido, ou sei lá, não conseguir subir de cargo, ser maltratado, essas coisas. (Fernando)

O esconder, tal como foi abordado no sentido “Não é uma questão de escolha.”, relaciona-se à grande dificuldade existente em renunciar a uma certa segurança provida pela heterossexualidade, que permite que, no caso, as pessoas não sejam consideradas como desqualificadas devido a sua orientação sexual e sua identidade de gênero. Neste trecho do relato também se evidencia a importância que pode ter para alguns o exemplo de alguém que é assumidamente LGBT e bem sucedido profissionalmente, até como uma mostra de que as dificuldades no emprego não são certas e inescapáveis, embora possam acontecer.

### 7.3.5 “Foi na terapia que eu comecei a me entender melhor”

Ao considerar as diversas formas de sofrimento e exclusão que relataram, ambos, Daniel e Fernando, afirmaram a importância de se passar por um processo terapêutico, ressaltando razões diversas para isso, no entanto. A primeira que pode ser demarcada é a possibilidade de se entender melhor afirmada por Daniel em relação ao próprio processo psicoterapêutico:

Tinha muito pé atrás com psiquiatra, psicólogo, porque eu tinha tentado uma vez na minha adolescência e eu tinha achado horrível. E aí eu falei “Não, não vou, não vou pra lá, não preciso de ajuda, não vou”, mas aí conforme eu fui vendo os vídeos do pessoal trans falando que é importante ter o acompanhamento psicológico para saber se é isso mesmo, se não é, eu comecei com a terapia e foi na terapia que eu comecei também a me entender melhor, com meu novo psicólogo. (Daniel)

Pompéia e Sapienza (2016) compreendem este “se entender melhor” como uma parte essencial da psicoterapia, ao se basear em uma procura da verdade. Esta verdade, no entanto, não é a verdade compreendida como *veritas*, palavra latina que se refere ao verificável, comprovável. A verdade que se busca em um processo psicoterapêutico é a verdade enquanto *aletheia*, que pode ser entendida como o “não esquecido”. Os autores então afirmam que nos aproximamos desta verdade através de uma via poética, compreendendo-a enquanto *poiesis*: “Poiesis é um levar à luz, é trazer algo para a desocultação.” (POMPÉIA; SAPIENZA, 2016). Assim, ainda de acordo com os autores, a verdade buscada em terapia é a que, ao ser desocultada, revela-se de forma que cada um tem uma vivência plena e absoluta dela. É o oposto da verdade que deve ser observada a maior quantidade de vezes possível, uma verdade que se verifica enquanto tal a partir de uma mensurabilidade.

Assim, a psicoterapia permite que uma pessoa, ao desvelar sentidos, entenda-se melhor, o que tem uma importância relevante já que: “Quando a psicoterapia começa a nascer, reencontramos a idéia da verdade libertadora: a descoberta da verdade liberta o paciente do jugo do sintoma.” (POMPÉIA; SAPIENZA, 2016). Estendo também a compreensão: a descoberta da liberdade pode, ao libertar o paciente do jugo do sintoma, libertá-lo do sofrimento. Isto não significa não mais sofrer, e sim não ter mais sua abertura de ser restrita, possibilidade que foi efetivada no processo psicoterapêutico de Daniel:

E claro, de vez quando bate umas crises, eu falava “Ah, será que é isso mesmo que eu quero, que eu vou sofrer mais, não vou conseguir emprego, ainda mais na área que eu to, que é muito mais fechada...”. Ficava pensando, tinha essas crises frequentemente até, mas com ajuda da terapia eu consegui pensar melhor e consegui ir pra frente. (Daniel)

Daniel traz, portanto, como a terapia foi um espaço potente para que seus momentos, que ele denomina como sendo de crise, pudessem ser cuidados. Um dos momentos de sua vida em que esteve presente muito sofrimento foi o momento em que passou a se reconhecer como um homem trans. Ele enfatiza a relevância que a psicoterapia teve nesse momento, mas também afirma a importância de ter encontrado outras pessoas que estavam passando pelo mesmo processo, algo que já foi abordado no item “Saber os termos mudou muito minha vida”, assim como da escuta de uma amiga:

Então eu acho que isso é muito importante pras pessoas que passam por questionamentos de... Tanto gênero como sexualidade, ter uma pessoa assim do lado pra poder desabafar, contar as coisas, mesmo que a pessoa não saiba muito como te ajudar, *ela estando disposta a te ouvir* e ta junto com você, já é muito importante isso. E ela também me deu força, falei de youtube e de terapia, mas ela também me deu muita força pra conseguir me assumir do jeito que eu sou, conseguir viver do jeito que eu sou. (Daniel, grifo meu)

A importância da escuta também aparece na narrativa de Fernando, ao enfatizar o lado terapêutico de participar da pesquisa:

É, mas de certa forma um lado terapêutico que tem é você... Que nem uma parente minha falou, que ela já trabalhou muito com isso também, que é de você ouvir a pessoa. Ela falou que na época que ela trabalhou com pesquisa assim, ela falava que ela não entendia, ela ficava ouvindo a pessoa, a pessoa falava um monte de coisa, mas depois ela pensou “Nossa”, mas o trabalho terapêutico que ela fez, porque depois ela foi ver as coisas que ela ia transcrevendo, assim, vendo como cada coisa... Nossa, aquela pessoa às vezes não conseguia falar isso pra ninguém, contou, e de repente aqui ela falou. Então ela pensou “Olha a ajuda que eu dei”, porque simplesmente ouvir alguém às vezes é a maior terapia que a pessoa pode fazer na vida. (Fernando)

Podemos entender que há uma grande relevância na escuta desprovida de julgamento, e que ela por si só já se apresenta muitas vezes enquanto terapêutica. Uma escuta terapêutica é aquela que recebe, que mostra disponibilidade em relação à multiplicidade do que se revela (CYTRYNOWICZ, 1978), e, portanto, não tem o intuito de enquadrar o que se ouve em padrões. Essa escuta possibilita que uma pessoa traga sua relação com sua sexualidade e com seu gênero da forma como eles aparecem. Ao somarmos a escuta desprovida de julgamentos a um desvelar a verdade enquanto

*aletheia*, nos aproximamos de uma compreensão de como seria uma psicoterapia daseinsanalítica, descrita por Pompeia e Sapienza (2011):

A tarefa da terapia daseinsanalítica consiste em tratar o paciente com o propósito de *ampliar sua liberdade, para que ele possa se aproximar da sua história e fazer dela, propriamente, a “sua” história*, na qual são acolhidos os fatos que já se deram, o que está acontecendo agora, e que se abre para o que pode vir a ser; em que cabem sua realidade, suas perdas, seus sonhos. Assim, não o passado, não o presente, não o futuro, não a conduta, não o sintoma, mas a totalidade de sua história: é essa a nossa referência na clínica. (p.159, grifo meu)

### 7.3.6 Machismo e patriarcado

Um dos núcleos de sentido presentes na narrativa de Daniel é o de sua percepção de uma sociedade machista e patriarcal a partir de uma outra ótica. Entende que enquanto ainda era identificado pelos outros com o sexo biológico com o qual nasceu não sofreu machismo. Acredita que isso se deve a mais um aspecto de uma determinada forma de expressão de masculinidade:

Nunca sofri com machismo, por incrível que pareça, nunca ouvi um assobio de moto na rua, nunca ouvi nada. Eu sei que é difícil acreditar, mas eu nunca ouvi nada disso, nunca sofri assédio nenhum por parte de nenhum homem. E eu acho que isso se deve ao fato de eu sempre ter andado meio masculino e tal, os homens na rua ficam com medo de assediar por conta de “E se for um homem? Eu dei em cima de um homem.” Então os caras não fazem nada porque tem medo de ser um homem realmente e eu chegar e falar “E aí, qual foi?”, e ele não pode ser... Não pode assediar um homem, é contra o código masculino. (Daniel)

É possível compreender a partir deste trecho que a mulher está sujeita à determinadas formas de violência que não são efetuadas da mesma maneira com homens. Assim, seria passível cometer determinados atos violentos para com mulheres e não com homens. Esta diferenciação bem marcada também diz respeito ao que foi apontado por Beauvoir (2009) e abordado no subcapítulo “Sobre o gênero feminino” acerca de uma posição masculina que visa diferenciar-se claramente da mulher para não sofrer as mesmas opressões. Aqui revela-se que existe uma norma social que demarca que um homem não pode assediar outros homens na rua, e pode-se compreender que isto é impossibilitado porque sem este interdito o homem ficaria lado a lado com a mulher e poderia sofrer as mesmas opressões.

Além deste sentido, desvela-se também neste trecho que atos de violência e opressão mostram-se como presentes no cotidiano das mulheres, tão rotineiros quanto andar na rua, o que ilumina que o ocupar o espaço da cidade pela mulher se dá de maneira extremamente diferente da do homem. Daniel continua comentando sobre isso ao delimitar uma tonalidade afetiva presente nesta forma de ocupar o espaço, o medo:

(...) agora que eu tô do outro lado e vejo o quanto o medo das meninas é real, porque as vezes eu to andando na rua e muita menina atravessa a rua porque eu to na mesma calçada que ela. Isso é muito louco, porque... Eu não tenho tamanho pra nada, é tipo “Eu não vou fazer nada com você.”, só que as pessoas não sabem. Se ela me vê de casaco assim na rua ela acha que eu sou qualquer cara por aí, e é muito... Me dói muito o coração ver atravessando a rua ou diminuindo o passo por eu estar lá. Mas é óbvio que eu entendo super. (Daniel)

Neste trecho, Daniel aponta que o medo está presente nas mulheres pela simples presença de homens na rua, identificados como aqueles que poderiam ser violentos para com elas (mesmo que de fato não o fossem, tal como Daniel afirma que não seria). Fernando também traz em seu relato uma forma de violência contra mulher, o silenciamento, ao relatar sua percepção de uma exigência social de serem mais reservadas:

Não sei, porque é uma questão cultural também, machismo também muitas vezes impõe que muitas mulheres tenham um comportamento mais reservado que os homens, que pode falar muita bobagem e ninguém fala nada. (Fernando)

A partir desses trechos, revela-se que a violência contra a mulher não pode ser entendida como uma violência genérica contra qualquer ser humano, ou como uma violência exclusivamente contra mulheres singulares, embora este âmbito também exista. A violência contra a mulher, tal como aponta Beauvoir (2009), é marcada por um pano de fundo comum, insere-se em um contexto histórico, e pode ser compreendida a partir de uma subordinação da mulher a referenciais masculinos e uma coisificação da mesma. É possível compreender que ao tratar um ser humano como coisa, ao desumaniza-lo, ele passa a se apresentar como controlável e descartável, e, portanto, as implicações de infligir atos de violência a ele aparecem de outra forma (AGUIAR, 2011). Isto pode ser pensado tanto para pessoas do gênero feminino quanto para população LGBT. De acordo com Aguiar (2011), esta temática foi desenvolvida por Hannah Arendt ao falar sobre o mal e o totalitarismo; porém, o mal tal como concebido

por ela foi cometido contra outros grupos (contra judeus, por exemplo) e tratava-se de uma forma de governo que visava ao extermínio da população, e não a sua opressão e instrumentalização. Tratam-se, portanto, de dois fenômenos diferentes, mas cuja compreensão pode se assemelhar em alguns aspectos devido a essa característica comum da objetificação de pessoas e consequente violência cometida contra elas. Esta forma de compreensão da mulher como coisa ou como objeto também aparece no relato de Daniel:

Mas com os amigos poucos que tenho hetero cisgêneros, eu tento policiar eles e me policiar também, porque é muito fácil você estar em um círculo desses de homem hétero cis e eles começarem a falar de mulher daquela forma nojenta, grotesca, como se fosse um objeto. (Daniel)

Tratar a mulher como um objeto é também privá-la da responsabilidade por si mesma, desconsiderá-la enquanto um sujeito livre e capaz de resposta, compreensão que também perpassa o relato de Daniel ao identificar: “(...) fica muito claro que homem só respeita homem, é muito absurdo.” Ele ilustra esta ponderação com um caso em que sua amiga discutiu durante muito tempo com um determinado homem acerca do uso de uma quadra de futebol, e bastou que ele interviesse para que o homem aceitasse o posicionamento de sua amiga. A partir disso coloca o questionamento de qual seria a forma em que o homem poderia ajudar mulheres em situação de opressão sem no entanto coadunar com essa forma de enxergar a mulher como incapaz de resposta própria. Este me parece um questionamento importante de se ter cotidianamente quando se é um homem, sabendo-se, no entanto, que não há resposta genérica para ele, o que fica evidente para o próprio Daniel quando pontua que cada amiga sua o aconselha em relação a isso de uma maneira diferente.

Além deste caso, Daniel apontou outras formas de objetificação feminina em meios relacionados ao futebol, tais como em rodas de conversa. Contou também sobre um caso em que meninos de seu convívio quando criança achavam que meninas não poderiam jogar futebol tão bem quanto eles. Neste caso, esses meninos tinham até 10 anos de idade e mudaram seu posicionamento a partir do momento em que meninas entraram no time e passaram a jogar com eles, o que entende como uma mudança positiva. Pode-se perceber a partir disto os efeitos de uma quebra, ainda que em nível micro, do padrão de superioridade-inferioridade que foi estabelecido entre homens e mulheres.

A questão do machismo e do patriarcado também aparece quando Daniel reflete acerca das possíveis formas de se entender enquanto homem que não dizem respeito a este padrão que se baseia nas oposições homem-mulher, superioridade-inferioridade:

São padrões impostos pela sociedade. Independente de não ser muito assim, sigo me sentindo um homem, sou um homem, sempre fui um cara. E eu acho que cada vez mais ta caindo por terra essa... Essa coisa de seguir assim os padrões hetero cis normativos. Acho que o pessoal devagar, bem devagar, os homens pelo menos tão pensando, tipo, tão, meio que se tocando, mas meio que bem pouco, os homens. Mas já tem uma mudança, eu vejo pelo menos. No meu círculo de amigos, até os caras héteros que eu sou mais amigo, eles também já param e pensam “Ah, não é porque eu, sei lá, tô usando rosa na rua que eu sou menos homem que outro cara!”. [...] Então... Eu acho que tá mudando um pouco. E até porque eles tão percebendo que essa masculinidade é muito ruim pra eles mesmos. Que eles se privam de muita coisa só pra performar algo que às vezes eles não são. (Daniel)

Daniel revela que esta forma de compreender o que é ser homem não é a forma com a qual ele se identifica, trazendo também que agir de acordo com esta forma de masculinidade faz com que o próprio homem se prive de muitas coisas. Isto também foi trazido por Beauvoir (2009) quando afirma que o homem acaba sendo escravo de uma imagem do que é o ser homem em relação a qual ele muitas vezes não consegue corresponder. Daniel afirma aqui a importância de poder ser homem de uma maneira diferente da baseada nesta imagem restrita e opressora de masculinidade para que ele e outros homens não sofram, o que está de acordo com o que foi já abordado no item “Sobre o gênero feminino”. Fernando também se posiciona desta forma ao relatar que se entende como homem, mas que gosta de cumprimentar pessoas com beijo e abraço, coisa que a maioria dos homens não faz:

É, porque, por exemplo, tem muitos homens assim... Por exemplo, ah, não pode ser carinhoso com algum amigo, sabe, porque... Alguma coisa assim. Não, eu gosto de cumprimentar todo mundo com um beijo, abraço, entendeu? (Fernando)

Ele demarca, portanto, que pode ser carinhoso e continuar se entendendo enquanto homem, algo que muitos se privam de fazer por não se encaixar em um modelo específico de masculinidade. Daniel retoma este modelo de masculinidade, destacando outros de seus aspectos, tais como não poder chorar, e reafirmando como isso é prejudicial para as pessoas. Afirma, porém, que as vezes acaba por se submeter a ele para ser reconhecido por outros homens enquanto homem:

Porque a gente precisa se sentir aceito além do seu meio de amigos LGBT. Então a gente acaba às vezes performando alguns traços de masculinidade tóxica só pra ser aceito pelo grupo de macho escroto. Eu, pelo menos. E... Isso é péssimo. E eu tenho consciência disso, mas to tentando me livrar dessas coisas aos poucos, porque é totalmente tóxico. Faz mal pra saúde mental, faz mal pro seu ser, faz mal pro ser humano que você vai estar se tornando. Mas é algo que ainda pesa muito, esse “tem que ser”, tem que seguir os padrões, “Homem não chora.”, “Homem pega todas e não pode sentir.”, essas coisas assim, esses padrões masculinos. (Daniel)

Assim, torna-se importante ponderar a dificuldade existente em não corresponder a padrões e modelos impostos pela sociedade, mesmo que acarretem em fazer mal para o ser da pessoa. Podemos aqui retomar todas os empecilhos relacionados a ser livre apontados por Beauvoir (2009), e somá-los a mais um: parte de assumir-se enquanto diferente de modelos normativos implica colocar-se a margem. Isto, conforme já desenvolvido no subcapítulo “Não é uma questão de escolha.”, aponta mais uma dificuldade para a transformação dos padrões estabelecidos acerca de gênero e sexualidade.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática de gênero e sexualidade é ampla, e há muito que pode ser dito sobre, de acordo com diferentes enfoques. Esta pesquisa se circunscreveu a falar sobre os sentidos existentes acerca de gênero e sexualidade, compreendendo-os como historicamente constituídos. Foi possível apontar, a partir da revisão bibliográfica feita, que a compreensão mais comum que permeia a temática é pautada pela lógica Metafísica, que determina a realidade, o verdadeiro, enquanto tudo aquilo que é uno e imutável, estabelecendo portanto um padrão do que seria real. Em relação a gênero e sexualidade, esse padrão acaba sendo o cisgênero e heteronormativo, ou seja, uma identificação com o gênero atribuído pelos outros a si devido a existência de determinados órgãos ao momento do nascimento, e relacionar-se sexualmente com pessoas do gênero oposto. Desta forma, todos aqueles que não correspondem a este padrão normativo acabam por serem excluídos e a eles patologias são atribuídas.

Compreendendo que o movimento de realização de um fenômeno se dá quando outros testemunham seu desvelamento e, ao testemunhar, dão a ele caráter de “realidade”, esta pesquisa visou permitir o testemunho de experiências outras que não as que aparentam se encaixar na norma. O intuito foi possibilitar que também estas experiências pudessem se tornar reais a partir do testemunho de outros, para que seja possível pensar gênero e sexualidade a partir de uma compreensão mais ampliada, e não apenas a da lógica normativa e controladora.

As narrativas permitiram compreender que houve um grande sofrimento para os participantes por se perceberem estando à margem da norma. Propiciou também o levantamento de reflexões acerca da importância para os entrevistados de poderem corresponder às identidades de gênero e orientações sexuais que os convocam, ainda que existam complexidades implicadas nisso, relacionadas à existirem em um mundo preconceituoso no qual suas vidas estão constantemente ameaçadas.

A partir dos relatos, também foi possível desenvolver uma reflexão acerca de que forma uma psicoterapia poderia se estruturar para poder compreender as pessoas enquanto tais, e não a partir da lógica da normatividade, que segrega e exclui. Essa psicoterapia estaria pautada em uma escuta que se mostra atenta à multiplicidade do que se revela, e, ao fazer isso, permitiria que os fenômenos se desocultassem, revelando a experiência de cada um. Ao desvelar os sentidos presentes nas experiências, essa psicoterapia possibilitaria que as pessoas conhecessem melhor a si mesmas, e que se

libertassem do sintoma e do sofrimento, no sentido de não ter mais sua “abertura de ser” restrita devido a estes. Entende-se que desta forma é possível compreender as pessoas tal como se mostram, e não de acordo com uma lógica controladora e normativa, que acaba por excluir todos que a ela não se adequem. Esta escuta também tem o caráter de permitir que novos sentidos se desvelem, e de dar caráter de realidade para eles. Todo este conjunto pode levar a diminuição do sofrimento, tanto ao permitir que a pessoa se conheça melhor, quanto ao possibilitar que ela tenha sua existência veracizada. Assim, este trabalho permitiu apontar um sentido para uma clínica ampliada da psicologia, esta compreendida aqui enquanto uma forma de escuta, e não enquanto um local ou campo de trabalho.

É necessário destacar, no entanto, que as entrevistas poderiam ser trabalhadas com mais elementos e maior profundidade, algo que, no entanto, não poderia ser levado a cabo com os elementos e o tempo disponíveis para um trabalho de conclusão de curso. Isto também diz respeito ao próprio fenômeno, que não pode ser esgotado. Pode-se concluir, no entanto, que mesmo com estas limitações, este estudo permitiu o desenvolvimento de conhecimento complementar ao embasamento de um fazer psicológico ético e implicado com a liberdade, dignidade, igualdade e integridade do ser humano, contribuindo para a eliminação de quaisquer formas de opressão e analisando historicamente o contexto social, tal como fundamentado nos Princípios Fundamentais do Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005). Permitiu também uma possível ampliação de olhar do leitor acerca da temática de gênero e sexualidade, ao mostrar vivências que fogem do padrão historicamente estabelecido.

## 9 REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Odílio Alves. A dimensão constituinte do poder em Hannah Arendt. **Trans/form/ação**, Marília, v. 34, n. 1, p.115-130, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v34n1/a07v34n1.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2019.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CASANOVA, Marco Antonio. Heidegger: um anarquista de gênero. In: CASANOVA, Marco Antonio. **A falta que Marx nos faz**: um escrito polêmico por Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017. Cap. 7. p. 187-215.
- CASANOVA, Marco Antonio. **Mundo e historicidade**: leitura fenomenológica de Ser e Tempo: volume um: existência e mundaneidade. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017A.
- CARDINALLI, Ida Elizabeth. Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (Dasein). **Psicologia USP**, [s.l.], v. 26, n. 2, p.249-258, ago. 2015. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n2/0103-6564-pusp-26-02-00249.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2018.
- CFP. **Código de ética profissional do psicólogo**. 2005. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- CFP. **Em defesa da Resolução 01/99, CFP aciona STF**. 2018. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/cfp-aciona-stf/>>. Acesso em: 19 maio 2019.
- CFP. **Transexualidade não é transtorno mental, oficializa OMS**. 2019. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/transexualidade-nao-e-transtorno-mental-oficializa-oms/>>. Acesso em: 26 mai. 2019.
- CRITELLI, Dulce. Martin Heidegger e a essência da técnica. **Margem**, São Paulo, v. 1, n. 16, p.83-89, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/margem/pdf/m16dc.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2018.
- CRITELLI, Dulce Mára. **Analítica do sentido**: uma aproximação e Interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CYTRYNOWICZ, David. Psicoterapia: Uma Aproximação Daseinsanalítica. **Revista ABD**, São Paulo, v. 4, n. 1, p.63-70, 1978.
- DAVI, Edmar Henrique Dairell; BRUNS, Maria Alves de Toledo. Mundo-vida travesti: abordagem fenomenológica das travestilidades. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p.521-533, set. 2015. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2015000300001](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300001)>. Acesso em: 09 mai. 2019.

DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, [s.l], v. 7, n. 2, p.371-378, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. De cores e matizes:: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p.54-81, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293322974004>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 26. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Tradução de Roberto Machado.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2:: O uso dos prazeres**. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018A.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015. 600 p. Tradução de Marcia Sá Cavalcante.

HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon: protocolos, diálogos, cartas**. 3. ed. São Paulo: Escuta, 2017. 310 p. Editado por Medard Boss; tradução Gabriella Arnhold, Maria de Fátima de Almeida Prado.

MICHELAZZO, José Carlos. Daseinsanalyse e "doença" do mundo. **Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, São Paulo, v. 10, n. 1, p.47-71, 2001.

POMPEIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. **Os dois nascimentos do homem: Escritos sobre terapia e educação na era da técnica**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

POMPÉIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. **Na presença do sentido: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. 2. ed. São Paulo: EDUC; ABD, 2016.

PRECIADO, Paul B.. **Manifesto contrassexual**. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

SALIH, Sarah. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SEIBT, Cezar Luís. Heidegger: da fenomenologia 'reflexiva' à fenomenologia hermenêutica. **Princípios**: Revista de filosofia, Natal, v. 19, n. 31, p.79-98, jun./jul. 2012. Disponível em:

<[https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=6540952545080350161&hl=pt-BR&lr=lang\\_pt&as\\_sdt=0,5](https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=6540952545080350161&hl=pt-BR&lr=lang_pt&as_sdt=0,5)>. Acesso em: 15 mai. 2019.

VAZ, Ednilson. A colocação do problema do corpo pela fenomenologia de Heidegger a partir do Seminário de Zollikon. **Revista Filosófica São Boaventura**, Curitiba, v. 9, n. 2, p.41-60, jul./dez. 2015. Disponível em:

<<https://revistafilosofica.saoboaventura.edu.br/filosofia/article/view/15>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

## **10 ANEXO: PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PSICOLOGIA**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC/SP

### **PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

#### **DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:**

VIVÊNCIAS, GÊNERO E SEXUALIDADE: um estudo fenomenológico-hermenêutico

**Pesquisador:** Fabiola Freire Saraiva de Melo

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 98969518.5.0000.5482

**Instituição Proponente:** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### **DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.015.871

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de protocolo de pesquisa para trabalho de conclusão de curso, no Bacharelado em Psicologia, vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) de autoria de Clara Meira Rocha Vieira de Freitas, sob a orientação da Profa. Dra. Fábíola Freire Saraiva de Melo, intitulado "Vivências, Gênero e sexualidade: um estudo fenomenológico-hermenêutico". As questões da sexualidade, na cultura ocidental, por muito tempo, foram motivos de vergonha, tabus e até de medo, devido suas posturas repressoras por parte da sociedade, diante de comportamentos e conceitos em torno da sexualidade. Assim, esta era manipulada de várias formas, ora como pecado, ora como fator de controle político da sociedade e, em algumas vezes, até como instrumento de prazer e felicidade. Um dos temas de grande relevância na questão da sexualidade atualmente é a

relação entre os gêneros, a discussão das diferenciações estabelecidas entre o homem e a mulher e, mais especificamente, o papel da mulher: sua atuação na família e na sociedade. A concepção de gênero, assim como a de sexualidade humana, é relativamente recente. A expressão começou a ser utilizada nos anos 60 como uma tentativa de explicar as relações entre feminino e masculino de maneira mais ampla, considerando-as construções históricas e sociais. No Brasil, o termo gênero, de origem anglo-saxã, começou a ser utilizado já no final dos anos 80. As discussões hoje caracterizadas como discussões de gênero, estão presentes ao longo da história brasileira, particularmente na emergência do movimento feminista no país, não diferindo da relação estreita, quase que paralela, com que tais discussões também se deram em outros países e mostram explicitamente a proximidade entre o movimento feminista e o surgimento dos estudos sobre gênero. A pretensão passa a ser compreender o gênero como constituinte da identidade do indivíduo e mais, não tomar o termo gênero como significando sexualidade, embora a literatura na área mostre que são conceitos indissociáveis, do ponto de vista de sua proximidade, porém não se constituem como sinônimos. A pesquisa em tela propõe-se a compreender vivências singulares acerca de gênero e sexualidade e de que forma elas escapam de preconceitos sedimentados e se constituem de forma singular. Evidencia-se, portanto, a atualidade e oportunidade do tema proposto nesta pesquisa.

### **Objetivo da Pesquisa:**

O presente trabalho visa compreender vivências singulares acerca de gênero e sexualidade, entendendo como se faz possível escapar aos preconceitos sedimentados, de forma a ampliar a compreensão acerca do assunto e auxiliar a psicologia a se posicionar, em suas diversas áreas de atuação, contra a discriminação e a favor da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Para tanto buscará, à luz da filosofia fenomenológica hermenêutica, entender gênero e sexualidade na contemporaneidade e em seu aspecto histórico, e relacionar estas compreensões com vivências singulares. Tais objetivos estão bem descritos e organizados de acordo com a estrutura do projeto de pesquisa em tela. É coerente e indica o que realmente pretende realizar, ou seja, um enunciado claro e preciso das metas, os fins e os resultados aos quais aspira chegar.

### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Atendem satisfatoriamente ao que está disposto e é recomendado na Resolução CNS/MS n. 466/12 que trata das pesquisas que envolvem seres humanos.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A exposição do projeto é boa, clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, adequada ao esperado em pesquisas deste nível de formação.

Apresenta bibliografia pertinente ao tema proposto e cronograma de viável execução. A pesquisa possui uma linha metodológica definida e coerente com a proposta de trabalho, ou seja, pautada na fenomenologia de Heidegger, base da qual será possível auferir conclusões pertinentes. A presente proposta de pesquisa conta com parecer favorável de mérito acadêmico apensado a este processo.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A lista de documentos obrigatórios necessários a análise e revisão ética de seu projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre (CEP-PUC/SP) é a seguinte:

1. Folha de Rosto - OK;
2. TCLE - OK;
3. Ofício de Apresentação - OK;
4. Projeto de Pesquisa - OK;
5. Autorização para realização da Pesquisa - OK;
6. Parecer de mérito acadêmico - OK;

Esta lista está disponível no site: [www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios](http://www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios)

Observação: aconselhamos que antes de qualquer procedimento de submissão na Plataforma Brasil, seja consultado o referido sitio, onde há vídeos tutoriais indicando o correto processo de submissão do projeto de pesquisa de acordo com as orientações do CEP-PUC/SP.

**Recomendações:**

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente

informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

a) desenvolver o projeto conforme delineado; b) elaborar e apresentar o relatório final; c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento; d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital; e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto; f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem pendências ou lista de inadequações, portanto, recomenda-se o encaminhamento da aprovação deste protocolo de pesquisa.

**Situação do Parecer:** Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:** Não

SAO PAULO, 12 de Novembro de 2018

**Assinado por:** Antonio Carlos Alves dos Santos (Coordenador(a))

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C Perdizes **UF:** SP **Município:** SAO PAULO

**CEP:** 05.015-001

**Telefone:**(11)3670-8466

**E-mail:** cometica@pucsp.br

**Fax:** (11)3670-8466